

CATEQUESES SOBRE A CRIAÇÃO



JOÃO PAULO II

JOÃO PAULO II

**CATEQUESES
SOBRE A CRIAÇÃO**

Fonte:
vatican.va

Imagem da Capa:
Gerada por IA

Quarta-feira 8 de Janeiro de 1986

Traduzido de Vatican.va [es]

I. O mistério da criação

1. Na inevitável e necessária reflexão que o homem de todos os tempos está inclinado a fazer sobre a própria vida, duas perguntas emergem com força, como um eco da própria voz de Deus: "De onde viemos? Para onde vamos?" Se a segunda questão se refere ao futuro último, ao termo definitivo, a primeira refere-se à origem do mundo e do homem e é também fundamental. É por isso que ficamos justamente impressionados com o interesse extraordinário reservado ao problema das origens. Não se trata apenas de saber quando e como o cosmos surgiu materialmente e o homem apareceu, mas sim de descobrir que significado tem tal origem, se ela é presidida pelo acaso, pelo destino cego ou por um Ser transcendente, inteligente e bom, chamado Deus. Efectivamente, o mal existe no mundo, e o homem que o experimentou não pode deixar de se perguntar de onde ele vem, quem é o responsável por ele e se há alguma esperança de libertação. "Que é o homem para que te lembres dele?", pergunta-se em síntese o salmista, maravilhado com o acontecimento da criação (Sl 8,5).

2. A questão sobre a criação surge na mente de todos, desde o homem simples até o erudito. Pode-se dizer que a ciência moderna nasceu em estreita conexão, embora nem sempre em boa harmonia, com a verdade bíblica da criação. E hoje, com as relações recíprocas entre verdade científica e verdade religiosa mais bem esclarecidas, muitos cientistas, embora levantando legitimamente problemas não desprezíveis como os que se referem à evolução das formas vivas, em particular do homem, ou o que se refere ao finalismo inerente ao próprio cosmos em seu devir, assumem uma atitude cada vez mais participativa e respeitosa em relação à fé cristã sobre a criação. Eis, pois, um campo que se abre para um diálogo proveitoso entre modos de abordar a realidade do mundo e do homem, reconhecidos lealmente como diferentes, mas convergentes num nível mais profundo em favor do único homem, criado — como diz a Bíblia na sua

primeira página — à "imagem de Deus" e, portanto, "dominador" inteligente e sábio do mundo (cf. *Gn* 1, 27-28)

3. Além disso, nós, cristãos, reconhecemos com profundo espanto, embora com uma atitude crítica obrigatória, que em todas as religiões, desde as mais antigas e já extintas, até às hoje presentes no planeta, se procura uma "resposta aos enigmas ocultos da condição humana...: O que é o homem? Qual é o sentido e o propósito da nossa vida? O que é o bem e o que é o pecado? Qual é a origem e o propósito da dor?... Qual é, finalmente, esse mistério último e inefável que envolve a nossa existência, do qual procedemos e para o qual nos dirigimos?" (*Declaração Nostra ætate*, 1). Seguindo o Concílio Vaticano II, na sua Declaração sobre as Relações da Igreja com as Religiões Não Cristãs, reafirmamos que «a Igreja Católica não rejeita nada do que há de verdadeiro e santo nestas religiões», uma vez que «elas reflectem frequentemente um raio daquela Verdade que ilumina todos os homens» (*Declaração Nostra ætate*, 2). E, por outro lado, a visão bíblico-cristã das origens do cosmos e da história, em particular do homem, é tão inegavelmente grande, vivificante e original - e teve uma influência tão grande na formação espiritual, moral e cultural de povos inteiros por mais de vinte séculos - que falar sobre ela explicitamente, mesmo que apenas sinteticamente, é um dever que nenhum pastor ou catequista pode evitar.

4. A revelação cristã manifesta verdadeiramente uma riqueza extraordinária a respeito do mistério da criação, sinal não desprezível e muito comovente da ternura de Deus que, precisamente nos momentos mais angustiantes da existência humana, e portanto na sua origem e destino futuro, quis fazer-se presente com uma palavra contínua e coerente, também na variedade das expressões culturais.

Assim, a Bíblia abre com uma primeira e depois uma segunda narrativa da criação, onde tudo tem a sua origem em Deus: as coisas, a vida, o homem (*Gn* 1-2), e esta origem está ligada ao outro capítulo sobre a origem, desta vez no homem, com a tentação do maligno, do pecado e do mal (*Gn* 3). Mas eis que Deus não abandona as suas criaturas. E assim se acende uma chama de esperança rumo a um futuro de uma nova criação liberta do mal (este é o chamado protoevangelho, *Gn* 3,15, cf. 9,13). Esses três fios: a

acção criativa e positiva de Deus, a rebelião do homem e, desde as origens, a promessa divina de um mundo novo, formam o tecido da história da salvação, determinando o conteúdo global da fé cristã na criação.

5. Nas próximas catequese sobre a criação, dando o devido lugar à Escritura como fonte essencial, a minha primeira tarefa será recordar a grande tradição da Igreja, primeiro com as expressões dos Concílios e do magistério ordinário, e também com as reflexões apaixonadas e penetrantes de muitos teólogos e pensadores cristãos.

Como num caminho feito de muitas etapas, a catequese sobre a criação tocará antes de tudo no facto admirável da própria criação, como confessamos no início do Credo ou Símbolo dos Apóstolos: "Creio em Deus, criador do céu e da terra". Reflectiremos sobre o mistério que toda a realidade criada contém, na sua origem do nada, admirando ao mesmo tempo a onipotência de Deus e a alegre surpresa de um mundo contingente que existe em virtude dessa onipotência. Seremos capazes de reconhecer que a criação é obra amorosa da Santíssima Trindade e é uma revelação da sua glória. O que não retira, mas pelo contrário afirma, a legítima autonomia das coisas criadas, enquanto ao homem, como centro do cosmos, é dada grande atenção, na sua realidade de "imagem de Deus", de ser espiritual e corporal, sujeito de conhecimento e de liberdade. Outros temas nos ajudarão mais tarde a explorar esse tremendo evento criativo, em particular o governo de Deus sobre o mundo, a sua onisciência e providência, e como, à luz do amor fiel de Deus, o enigma do mal e do sofrimento encontra a sua solução pacificadora.

6. Depois que Deus revelou a Job o seu divino poder criador (*Jb* 38-41), ele respondeu ao Senhor e disse: "Eu sei que tu podes fazer todas as coisas e que nada pode te impedir... Eu conhecia-te apenas de ouvir dizer; mas agora os meus olhos te viram" (*Job* 42, 2-5). Que a nossa reflexão sobre a criação nos leve à descoberta de que, no acto da fundação do mundo e do homem, Deus semeou o primeiro testemunho universal do seu amor poderoso, a primeira profecia da história da nossa salvação.

Quarta-feira 15 de Janeiro de 1986

Traduzido de Vatican.va [es]

Creio em Deus... Criador do céu e terra

1. A verdade sobre a criação é o objeto e o conteúdo da fé cristã: ela só está explicitamente presente na Revelação. Efectivamente, ela é encontrada apenas muito vagamente em cosmologias mitológicas fora da Bíblia, e está ausente das especulações de filósofos antigos, mesmo os maiores, como Platão e Aristóteles, que, no entanto, desenvolveram um conceito bastante elevado de Deus como um Ser totalmente perfeito, como Absoluto. Somente a inteligência humana pode formular a verdade de que o mundo e os seres contingentes (não necessários) dependem do Absoluto. Mas *a formulação dessa dependência como "criação"* - portanto baseada na verdade sobre a criação - pertence originalmente à Revelação divina e, neste sentido, é uma verdade de fé.

2. Esta formulação é proclamada no início das profissões de fé, começando pelas mais antigas, como o Símbolo Apostólico: "Creio em Deus... Criador do céu e da terra"; e o Credo Niceno-Constantinopolitano: "Creio em Deus... Criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis"; até aquele pronunciado pelo Papa Paulo VI e que leva o título de Credo do Povo de Deus; "Cremos em um só Deus... Criador das coisas visíveis, como este mundo em que se desenvolve a nossa vida passageira, das coisas invisíveis, como os espíritos puros que recebem o nome de anjos, e Criador em cada homem da sua alma espiritual e imortal" (*Insegnamenti di Paolo VI*, vol. VI, 1968, p. 302).

3. No "Credo" cristão, a verdade sobre a criação do mundo e do homem por obra de Deus ocupa um lugar fundamental pela riqueza especial do seu conteúdo. De facto, não se refere *apenas à origem do mundo* como resultado do acto criativo de Deus, mas *também revela Deus como Criador*. Deus, que falou por meio dos Profetas e, finalmente, por meio do Filho (cf. *Hb* 1,1), fez conhecer a todos os que aceitam a sua Revelação não apenas que Ele criou o mundo, mas, acima de tudo, *o que significa ser Criador*.

4. A *Sagrada Escritura* (Antigo e Novo Testamento) está de facto *impregnada* pela verdade sobre a criação e sobre o Deus Criador. O primeiro livro da Bíblia, o *Livro do Génesis*, começa com a afirmação desta verdade: “No princípio, Deus criou os céus e a terra” (*Gn* 1,1). Numerosas passagens bíblicas se referem a essa verdade, mostrando quão profundamente ela penetrou na fé de Israel. Vamos recordar *pelo menos algumas delas*. Diz-se nos *Salmos*: “Ao Senhor pertence a terra e tudo o que nela existe, o mundo e todos os seus habitantes; ele a fundou sobre os mares” (23/24, 1-2). “Teu é o céu, tua é a terra; tu *fundaste o mundo e tudo o que nele há* ” (88/89, 12). “O mar é dele, porque ele o fez; a terra firme, que as suas mãos formaram” (94/95, 5). “A Sua misericórdia enche a terra. *A palavra do Senhor fez o céu ...* porque Ele disse e existiu, Ele ordenou e veio a existir” (32/33, 5-6. 9). “Bendito sejais vós pelo Senhor, que fez o céu e a terra” (113/114-115, 15). A mesma verdade é professada pelo autor do Livro da Sabedoria: «Deus dos pais e Senhor de misericórdia, que pela vossa palavra tudo fizestes...» (9, 1). E o profeta Isaías diz na primeira pessoa a palavra de Deus Criador: “Eu sou o Senhor, que fiz todas as coisas” (44, 24).

Não menos claros são os testemunhos encontrados no Novo Testamento. Assim, por exemplo, no Prólogo do Evangelho de João é dito: “No princípio era o Verbo... Todas as coisas foram feitas por Ele, e sem ele nada foi feito” (1, 1.3). A Carta aos Hebreus, por sua vez, afirma: «Pela fé conhecemos que os mundos foram criados pela palavra de Deus, de maneira que do invisível surgiu o visível» (11, 3).

5. A verdade da criação expressa o pensamento de que tudo o que existe fora de Deus foi chamado à existência por Ele. Na *Sagrada Escritura* encontramos textos que falam disso claramente.

No caso da mãe dos sete filhos, dos quais fala o Livro dos Macabeus, que, diante da ameaça de morte, encoraja o mais novo deles a professar a fé de Israel, dizendo-lhe: “Olha o céu e a terra... *Deus fez tudo do nada*, e assim surgiu todo o género humano” (2 *Mac* 7, 28). Na Carta aos Romanos lemos: «Abraão creu em Deus, que dá vida aos mortos e *chama o que é o mesmo ao que não é*» (4, 17).

“Criar” significa, portanto: *fazer do nada, chamar à existência, isto é, formar um ser do nada*. A linguagem bíblica revela esse significado já na primeira palavra do Livro do Gênesis: "No princípio, Deus criou os céus e a terra". O termo “criou” traduz o hebraico “*bara*”, que expressa uma acção de poder extraordinário, cujo único sujeito é Deus. Com a reflexão pós-exílica, o alcance da intervenção divina inicial, que no segundo livro dos Macabeus é finalmente apresentada como um produzir “do nada” (7:28).. Os Padres da Igreja e os teólogos esclarecerão mais tarde o significado da acção divina, falando da criação “do nada” (*creatio ex nihilo*; mais precisamente: *ex nihilo sui et subiecti*). No acto da criação, Deus é *princípio exclusivo e directo* do novo ser, excluindo qualquer matéria pré-existente.

6. Como Criador, Deus está, em certo sentido, "fora" da criação e a criação está "fora" de Deus. Ao mesmo tempo, a criação é completa e totalmente devedora de Deus na sua própria existência (*por ser o que é*), porque tem a sua origem completa e totalmente no poder de Deus.

Pode-se dizer também que através do poder criativo (omnipotência) Deus está *na criação* e a criação está Nele. No entanto, essa imanência de Deus em nada diminui *a transcendência que Lhe é própria* em relação a tudo a que Ele dá existência.

7. Quando o apóstolo Paulo chegou ao Areópago em Atenas, falou assim aos ouvintes que estavam reunidos ali: "Ao passar e contemplar os objectos do vosso culto, encontrei um altar no qual está escrito: 'Ao Deus desconhecido'. Pois este é aquele a quem adorais sem o conhecer, e é o que eu vos anuncio. *O Deus que fez o mundo e tudo o que nele há* é Senhor do céu e da terra..." (At 17:23-24).

É significativo que os atenienses, que reconheciam muitos deuses (politeísmo pagão), ouvissem essas palavras sobre o único Deus Criador sem levantar objecções. Este detalhe parece confirmar que a verdade sobre a criação constitui um ponto de encontro entre homens que professam religiões diferentes. Talvez a verdade da criação esteja *enraizada* de forma original e elementar nas diversas religiões, mesmo quando elas não contêm conceitos suficientemente claros, como os contidos nas Sagradas Escrituras.

Quarta-feira 29 de Janeiro de 1986

Traduzido de Vatican.va [es]

A criação é a chamada do mundo e do homem do nada à existência

1. A verdade de que Deus criou, isto é, que extraíu do nada todo o que existe fora d'Ele, tanto o mundo como o homem, encontra a sua expressão já na primeira página da Sagrada Escritura, embora a sua total explicitação só apareça no sucessivo desenvolvimento da Revelação.

No início do livro de Génesis há dois "relatos" da criação. Na opinião dos estudiosos da Bíblia, a segunda história é mais antiga, tem um caráter mais figurativo e concreto, dirige-se a Deus chamando-o de "Yahveh", e por esta razão é apontado como uma "fonte Yahvista".

A primeira história, que foi escrita mais tarde, parece mais *sistemática e mais teológica*; Para designar Deus usa o termo "Elohim". O trabalho da criação é distribuído numa série de seis dias. Como o sétimo dia é apresentado como o dia em que Deus descansa, os estudiosos concluíram que este texto teve a sua origem num ambiente sacerdotal e de culto. Ao propor ao trabalhador o exemplo de Deus Criador, o autor de Génesis 1 quis reafirmar o ensinamento contido no Decálogo, inculcando *a obrigação de santificar o sétimo dia*.

2. O relato da obra da criação merece ser lido e meditado com frequência na liturgia e fora dela. *Em relação a cada um dos dias*, há uma estreita continuidade e uma clara analogia entre um e outro. A história começa com as palavras: "No princípio, Deus criou os céus e a terra", isto é, *todo o mundo visível*, mas depois, na descrição de cada um dos dias, sempre retorna a expressão: "Deus disse: Haja ...", ou uma expressão semelhante. Pelo poder desta palavra do Criador: "*fiat*", "faça-se", o mundo visível emerge gradualmente: *a terra* a princípio é "confusa e vazia" (caos); Então, sob a acção da palavra criadora de Deus, ela se torna apta para a vida e se enche de seres vivos, plantas, animais, entre os quais, no final, Deus cria o homem "à sua imagem" (Gn 1,27).

3. Este texto tem um âmbito sobretudo religioso e teológico. Não é possível encontrar nele elementos significativos do ponto de vista das ciências naturais. A investigação sobre a origem e o desenvolvimento de cada uma das espécies "*in natura*" não encontra nesta descrição qualquer norma "vinculativa", nem qualquer contributo positivo de interesse substancial. Além disso, a teoria da evolução natural *não contradiz* a verdade sobre a criação do mundo visível - tal como é apresentada no Livro do Génesis - desde que seja entendida de tal forma que não exclua a causalidade divina.

4. No seu conjunto, a imagem do mundo é delineada pela pena do autor inspirado com as características das *cosmogonias da época*, nas quais ele insere com absoluta originalidade a verdade sobre a criação de tudo por obra do único Deus: esta é a verdade revelada. Mas o texto bíblico, enquanto por um lado afirma a total dependência do mundo visível de Deus, que como Criador tem pleno poder sobre toda a criatura (o chamado *dominium altum*), por outro lado *realça o valor de todas as criaturas* aos olhos de Deus. Efectivamente, no final de cada dia repete-se a frase: "*E Deus viu que tudo era bom*", e no sexto dia, depois da criação do homem, centro do cosmos, lê-se: "*E Deus viu que tudo o que tinha feito era muito bom*" (Gn 1,31).

A descrição bíblica da criação tem um carácter *ontológico*, isto é, fala do ente e, ao mesmo tempo, *axiológica*, isto é, dá testemunho do valor. Ao criar o mundo como uma manifestação da sua bondade infinita, Deus criou-o bom. Este é o ensinamento essencial que extraímos da cosmologia bíblica e, em particular, da descrição introdutória do livro do Génesis.

5. Esta descrição, juntamente com todo o que a Sagrada Escritura diz em diversos lugares sobre a obra da criação e de Deus Criador, permite-nos destacar alguns elementos:

A) *Deus criou o mundo por si só*. O poder criador não é transmissível: "*incommunicabilis*".

B) Deus criou o mundo por sua própria vontade, sem qualquer coacção exterior ou obrigação interior. Poderia criar ou não criar; podia criar este mundo ou outro.

C) O mundo foi criado por Deus no tempo, portanto não é eterno: tem um começo no tempo.

D) O mundo, criado por Deus, é constantemente mantido pelo Criador na existência. Este "manter" é, em certo sentido, uma criação contínua (*Conservatio est continua creatio*).

6. Há quase dois mil anos, a Igreja *tem proclamado consistentemente* a verdade de que a criação do mundo visível e invisível é obra de Deus, em continuidade com a fé professada e proclamada por Israel, o Povo de Deus da Antiga Aliança. A Igreja *explica e aprofunda* esta verdade, usando a filosofia do ser e defende-a das deformações que surgem de tempos a tempos na história do pensamento humano.

O Magistério da Igreja confirmou com especial solenidade e vigor a verdade de que a criação do mundo é obra de Deus, no *Concílio Vaticano II*, em resposta às tendências do pensamento *panteísta* e *materialista* do tempo. Essas mesmas directrizes também estão presentes no nosso século em alguns desenvolvimentos nas ciências exactas e ideologias ateístas.

Na Constituição "*Dei Filius*" de *fide Catholic* do Concílio Vaticano I lemos: "Este único Deus verdadeiro, na sua bondade e 'virtude onnipotente', não para aumentar a sua glória, nem para adquiri-la, mas para manifestar a sua perfeição através dos bens que ele distribui para as criaturas, com decisão plenamente livre, 'simultaneamente desde o início do tempo criou do nada uma e outra criatura, espiritual e corporal, isto é, a angélica e a material, e depois a criatura humana, participando de uma e de outra, por ser constituída de espírito e de corpo" (*Conc. Lateran. IV*)" (DS 3002).

7. De acordo com os "cânones" adjuntos a este texto doutrinal, o Concílio Vaticano II afirma as seguintes verdades:

A) O único Deus verdadeiro é o Criador e Senhor "das coisas visíveis e invisíveis" (DS 3021). B) É contrária à fé a alegação de que há apenas matéria (*materialismo*) (DS 3022).

C) É contrária à fé a afirmação de que Deus se identifica essencialmente com o mundo (*panteísmo*) (DS 3023).

D). É contrário à fé sustentar que as criaturas, mesmo as espirituais, são *uma emanção da substância divina*, ou afirmam que o Ser divino na sua manifestação ou evolução se converte em cada uma das coisas (DS 3024)

E) É contrária à fé a concepção, segundo a qual Deus é o ser universal, isto é, indefinido que, ao determinar-se, constitui o universo distinto em géneros, espécies e indivíduos (*ib*).

F) É igualmente contra a fé negar que o mundo e todas as coisas nele contidas, tanto espirituais quanto materiais, de acordo com toda a sua substância, foram criados por Deus do nada (DS 3025). 3025).

8. Será tratado à parte o tema da *finalidade que a obra da criação tem em vista*. Com efeito, este é um aspecto que muito importante da Revelação, no Magistério da Igreja e na teologia.

Por agora, basta concluir a nossa reflexão referindo-se um texto muito bonito do *Livro da Sabedoria*, no qual se louva a Deus que cria o universo por amor e o conserva no seu ser: Tu amas tudo quanto existe/e não detestas nada do que fizeste;/pois, se odiasses alguma coisa, não a terias criado./E como subsistiria uma coisa, se Tu a não quisesses?/Ou como se conservaria, se não tivesse sido chamada por ti?/Mas Tu perdoas a todos,/porque todos são teus, ó Senhor, amigo da vida! (*Sab* 11, 24-26).

Quarta-feira 5 de março de 1986

Traduzido de Vatican.va [es]

A criação é obra da Trindade

1. A reflexão sobre a verdade da criação, com a qual Deus chama o mundo do nada à existência, impele o olhar da nossa fé à contemplação de Deus Criador, que revela na criação a sua onipotência, a sua sabedoria e o seu amor. *A onipotência do Criador* é demonstrada tanto ao chamar criaturas do nada para a existência, como ao mantê-las a existir. "Como poderia alguma coisa subsistir se não quisesse, ou como poderia ser preservada sem ti?", pergunta o autor do livro da Sabedoria (11, 25).

2. *A onipotência revela* também o amor de Deus que, ao criar, dá existência a seres diferentes d'Ele e, ao mesmo tempo, diferentes entre si. A realidade do dom perpassa todo o ser e a existência da criação. Criar significa dar (dar, sobretudo, a existência), e *quem dá, ama*. O autor do Livro da Sabedoria afirma isso mesmo quando exclama: "Tu amas tudo o que existe e não detestas nada do que fizeste, porque se odiasses alguma coisa, não a terias formado" (11, 24); e acrescenta: "Tu perdoas a todos, porque todos são teus, ó Senhor, que amas a vida!" (11, 26).

3. O amor de Deus é altruísta: olha apenas para o facto de que o bem surge, perdura e se desenvolve de acordo com a sua própria dinâmica. Deus Criador é Aquele "*que faz todas as coisas segundo o conselho da sua vontade*" (Ef 1:11). E toda a obra da criação pertence ao plano da salvação, ao projeto misterioso "oculto desde os séculos em Deus, criador de todas as coisas" (Ef 3,9). Através do acto de criação do mundo, e em particular do homem, o plano de salvação começa a realizar-se. A criação é obra da Sabedoria que ama, como nos recorda várias vezes a Sagrada Escritura (cf., por exemplo, Pr 8, 22-36).

Percebe-se, então, que a verdade da fé sobre a criação se *opõe radicalmente* às teorias da *filosofia materialista*, que consideram o cosmos

como o resultado de uma evolução da matéria que pode ser reduzida ao puro acaso e à necessidade.

4. Diz Santo Agostinho: «É necessário que nós, vendo o Criador através das obras que realizou, nos elevemos à contemplação da Trindade, da qual a criação traz a marca numa certa e justa proporção» (*De Trinitate* VI, 10, 12). É verdade de fé que *o mundo tem o seu princípio no Criador, que é o Deus uno e trino*. Embora a obra da criação seja atribuída sobretudo ao Pai - aliás, é isso que professamos nos Símbolos da Fé ("Creio em Deus Pai todo-poderoso, Criador do céu e da terra") - é também uma verdade de fé que o Pai, o Filho e o Espírito Santo *são o único e indivisível "princípio" da criação*.

5. A Sagrada Escritura confirma esta verdade de vários modos: em primeiro lugar, no que diz respeito ao Filho, o Verbo, a Palavra consubstancial ao Pai. Algumas alusões significativas estão já presentes no Antigo Testamento, como este eloquente versículo do Salmo: «A palavra do Senhor fez o céu» (*Sl* 32/33, 6). Esta é uma afirmação que encontra a sua explicação completa no Novo Testamento, por exemplo no Prólogo de João: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus... Todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada foi feito... e por Ele o mundo foi feito” (*Jo* 1, 1-2. 10). As Cartas de Paulo proclamam que todas as coisas foram feitas “em Jesus Cristo”: com efeito, falam de “um só Senhor, Jesus Cristo, por meio do qual existem todas as coisas e nós também” (*1 Cor* 8,6). Na Carta aos Colossenses lê-se: “Ele (Cristo) é a imagem do Deus invisível, o primogénito de toda a criação, porque n’Ele foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis... Todas as coisas foram criados por Ele e para Ele. Ele é anterior a todas as coisas e n’Ele todas as coisas existem” (*Cl* 1, 15-17).

O Apóstolo sublinha a presença activa de Cristo, quer como causa da criação (“por meio dele”), quer como seu fim (“para ele”). Este é um tema que terá de ser retomado. Contudo, note-se que a Carta aos Hebreus afirma também que Deus, por meio do Filho, «fez também o mundo» (1, 2), e que o «Filho... sustenta todas as coisas pela sua palavra poderosa» (1, 2).

6. Deste modo, o Novo Testamento, e em particular os escritos de São Paulo e de São João, *aprofundam e enriquecem* o recurso à Sabedoria e à

Palavra criadora, já presente no Antigo Testamento: «A palavra do Senhor fez o céu» (Sl 32/33, 6). Salientam que o Verbo criador não estava apenas “em Deus”, mas que “era Deus”, e também que, precisamente como Filho consubstancial ao Pai, *o Verbo criou o mundo em união com o Pai*: “e o mundo foi feito por Ele” (Jo 1,10).

Não só: o mundo foi também criado com referência à pessoa (hipóstase) do Verbo. «Imagem do Deus invisível» (Cl 1, 15), o Verbo que é o Filho eterno, «esplendor da glória do Pai e representação exacta da sua natureza» (cf. Hb 1, 3) é também o «primogénito de toda a criatura» (Cl 1,15), no sentido de que todas as coisas foram criadas pelo Filho-Verbo, para se tornarem, no tempo, o mundo das criaturas, chamadas do nada à existência “por Deus”. Neste sentido, “todas as coisas foram feitas por meio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez” (Jo 1,3).

7. Pode-se, pois, afirmar que a Revelação apresenta uma estrutura “lógica” do universo (de “*Logos*”: Verbo) e uma estrutura “icónica” (de *Eikon*: imagem, imagem do Pai). De facto, desde o tempo dos Padres da Igreja, consolidou-se o ensinamento segundo o qual a criação traz em si “os vestígios da Trindade” (“*vestigia Trinitatis*”). É obra do Pai pelo Filho no Espírito Santo. Na criação revela-se a Sabedoria de Deus: nela a referida dupla estrutura “lógico-icónica” das criaturas está intimamente ligada à *estrutura do dom*.

Cada uma das criaturas não é apenas “*palavras*” do Verbo, com as quais o Criador se manifesta à nossa inteligência, mas são também “dons” do Dom: trazem em si a marca do Espírito Santo, Espírito criador.

Não está dito logo nos primeiros versículos do Génesis: “No princípio, Deus criou os céus e a terra (= o universo)... e o Espírito de Deus pairava sobre as águas” (Gn 1,1-2)? A alusão, sugestiva embora vaga, à acção do Espírito naquele primeiro «princípio» do universo, é significativa para nós que a lemos à luz plena da revelação neo-testamentária.

8. A criação é obra do Deus uno e trino. O mundo “criado” no Verbo-Filho, é “restituído” juntamente com o Filho ao Pai, através desse *Dom Incriado*, consubstancial a ambos, que é o Espírito Santo. Desta forma o mundo é “criado” com aquele Amor que é o Espírito do Pai e do Filho. Este

universo abraçado pelo Amor eterno, começa a existir no instante escolhido pela Trindade como o início do tempo.

Deste modo, a criação do mundo *é obra do Amor*: o universo, dom criado, brota do Dom Incriado, do Amor recíproco do Pai e do Filho, da Santíssima Trindade.

Quarta-feira 12 de março de 1986

Traduzido de Vatican.va [es]

A criação é revelação da glória de Deus

1. A verdade da fé sobre a criação do nada ("*ex nihilo*"), sobre a qual nos detivemos nas catequeses anteriores, introduz-nos nas profundezas do mistério de Deus, Criador "do céu e da terra". Segundo a expressão do Símbolo Apostólico: "Creio em Deus Pai todo-poderoso, Criador...", a criação é atribuída principalmente *ao Pai*. Na verdade, é obra das Três Pessoas da Trindade, segundo o ensinamento já presente de algum modo no Antigo Testamento e plenamente revelado no Novo, sobretudo nos textos de Paulo e João.

2. À luz destes textos apostólicos, podemos afirmar que a *criação* do mundo encontra o seu *modelo* na geração eterna do Verbo, do Filho, da mesma substância do Pai, e a sua fonte *no Amor* que é o *Espírito Santo*. Este Amor-Pessoa, consubstancial ao Pai e ao Filho, é, juntamente com o Pai e o Filho, *fonte da criação* do mundo a partir do nada, isto é, do *dom da existência a cada ser*. Deste dom gratuito participa toda a *multiplicidade de seres* "*visíveis e invisíveis*", tão variados que parecem quase ilimitados, e tudo o que a linguagem da cosmologia indica como "macrocosmos" e "microcosmos".

3. A verdade da fé sobre a criação do mundo, ao permitir-nos penetrar nas profundezas do mistério trinitário, revela-nos aquilo a que a Bíblia chama "*Glória de Deus*" (*Kabod jahvé, doxa tou Theou*). A Glória de Deus está antes de mais em Si mesmo: é a glória «*interior*», que, por assim dizer, preenche a mesma profundidade ilimitada e a perfeição infinita da única Divindade na Trindade das Pessoas. Esta perfeição infinita, como plenitude absoluta do Ser e da Santidade, é *também plenitude da Verdade e do Amor na contemplação e doação recíproca* (e, portanto, na comunhão) do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Através da obra da criação, a glória interior de Deus, que brota do próprio mistério da Divindade, move-se de certa maneira para "*fora*": para as criaturas do mundo visível e invisível, proporcionalmente ao seu grau de perfeição.

4. Com a criação do mundo (visível e invisível) inicia-se como *uma nova dimensão da glória de Deus*, chamada "exterior" para a distinguir da anterior. A Sagrada Escritura fala disso em muitas passagens. Alguns exemplos serão suficientes.

O Salmo 18/19 diz: "O céu *proclama a glória de Deus*; o firmamento anuncia a obra das suas mãos... Sem falarem, sem expressão, sem que ressoe a voz, a sua mensagem vai por toda a terra, e as suas palavras até aos confins do orbe" (1. 2. 4). O Livro de Ben Sirá afirma por sua vez: "O sol nasce e ilumina tudo, e *a glória do Senhor reflecte-se em todas as suas obras*" (42:16). O Livro de Baruc tem uma expressão muito singular e sugestiva: "As estrelas brilham nas suas torres de vigia e se entregam. Ele chama-as e elas respondem: 'Eis-nos aqui!' Brilham alegremente em honra daquele que as fez" (3, 34).

5. Noutro lugar, o texto bíblico é como um apelo às criaturas para proclamarem *a glória de Deus Criador*. Assim, por exemplo, o *Livro de Daniel*: "Todas as criaturas do Senhor: bendizei o Senhor, exaltai-O com hinos para sempre" (3, 57). Ou o Salmo 65/66: "Aclamai o Senhor terra inteira, tocai em honra do seu nome, cantai hinos à sua glória; Dizei a Deus: Que terríveis são as tuas obras! Por causa do teu imenso poder, os teus inimigos bajulam-te. Que toda a terra se curve diante de ti, que cantem a ti, que cantem ao teu nome" (1-4).

A *Sagrada Escritura* está cheia de expressões semelhantes: "Senhor, quantas são as tuas obras, e todas as fizeste com sabedoria, a terra está cheia das tuas criaturas" (*Sl* 103/104, 24). Todo o universo criado é um chamamento multiforme, poderoso e incessante *a proclamar a glória do Criador*: "Pela minha vida e pela minha glória, para que toda a terra se encha" (*Nm* 14, 21); porque "tuas são as riquezas, riquezas e glória" (*1 Cr* 29:12).

6. Este hino de glória, gravado na criação, espera um ser capaz de lhe dar uma expressão conceptual e verbal adequada, um ser que louve o santo nome de Deus e narre a grandeza das suas obras (*Sir* 17, 8). Este ser no mundo visível *é o homem*. A ele se dirige o chamamento que se eleva do universo; O homem é o porta-voz das criaturas e o seu intérprete diante de Deus.

7. Voltemos por momentos às palavras com que o *Concílio Vaticano I* formula a verdade sobre a criação e sobre o Criador do mundo. "Este único Deus verdadeiro, na sua bondade e na sua 'virtude onipotente', não para aumentar a sua bem-aventurança ou para a adquirir, *mas para manifestar a sua perfeição através dos bens que distribui às criaturas*, com uma decisão sumamente livre, simultaneamente desde o princípio dos tempos, fez surgir do nada uma criatura após outra..." (*DS* 3002).

Este texto expressa de forma apropriada *a mesma verdade sobre a criação e sobre a sua finalidade* que encontramos presente nos textos bíblicos. O Criador *não procura* na obra da criação nenhum "*complemento*" de Si mesmo. Tal modo de pensar estaria em aberta antítese com o que Deus é em Si mesmo. De facto, Ele é *o Ser total e infinitamente perfeito*. *Não tem, pois, necessidade do mundo*. As criaturas, visíveis e invisíveis, não podem «acrescentar» nada à Divindade do Deus uno e trino.

8. *E, no entanto, Deus cria!* As criaturas, chamadas por Deus à existência com uma decisão completamente livre e soberana, *participam de modo real*, ainda que *limitado e parcial*, da perfeição da plenitude absoluta de Deus. Diferem entre si pelo grau de perfeição que receberam, começando pelos seres inanimados, passando pelos seres animados, até chegar ao homem; melhor, indo ainda mais alto, para as criaturas de natureza puramente espiritual. O conjunto das criaturas *constitui o universo*: o *cosmos* visível e invisível, em cuja totalidade e em cujas partes *se reflecte a eterna Sabedoria* e se manifesta o inesgotável *Amor do Criador*.

9. Na revelação da Sabedoria e do Amor de Deus está o *primeiro e principal fim* da criação, e nela se realiza o mistério da glória de Deus, segundo a palavra da Escritura: «Criaturas todas do Senhor, bendizei o Senhor» (*Dan* 3, 57). No mistério da glória todas as *criaturas adquirem o*

seu significado transcendental: “superando-se a si mesmas para se abrirem Àquele em quem têm o seu início... e a sua finalidade.

Admiremos, pois, com fé a obra do Criador e louvemos a sua grandeza: "Quantas são as tuas obras, Senhor, / e com sabedoria as fizeste todas, / a terra está cheia das tuas criaturas. Glória a Deus para sempre, / que o Senhor se alegre nas suas obras. / Cantarei ao Senhor enquanto eu viver, / cantarei ao meu Deus enquanto eu existir." (Sl 103/104, 24, 31, 33-34).

Quarta-feira 2 de abril de 1986

Traduzido de Vatican.va [es]

A criação e a legítima autonomia das coisas criadas

1. A criação, sobre cuja finalidade meditámos no catecismo anterior do ponto de vista da dimensão “transcendente”, exige também uma reflexão do ponto de vista da *dimensão imanente*. Isto tornou-se particularmente necessário nos dias de hoje devido ao progresso da ciência e da tecnologia, que trouxeram *mudanças significativas* na mentalidade de muitas pessoas do nosso tempo. De facto, «muitos dos nossos contemporâneos. - lemos na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* do Concílio Vaticano II sobre a Igreja e o Mundo Contemporâneo - parecem temer que, devido a uma ligação demasiado estreita entre a actividade humana e a religião, seja prejudicada a autonomia do homem, da sociedade ou da ciência» (*Gaudium et Spes*, 36).

O Concílio abordou este problema, *intimamente ligado à verdade da fé sobre a criação* e o seu fim, propondo uma explicação clara e convincente. Vamos ouvi-la.

2. "Se por autonomia da realidade terrena se entende que as coisas criadas e a própria sociedade gozam das suas próprias leis e valores, que o homem deve gradualmente descobrir, empregar e ordenar, então esta *exigência de autonomia é absolutamente legítima*. Não é somente que os homens do nosso tempo a exigem imperiosamente. Mas também ela responde à vontade do Criador. *Pois, pela própria natureza da criação*, todas as coisas são dotadas de sua própria consistência, verdade e bondade e da sua própria ordem regulada, que o homem deve respeitar, reconhecendo a metodologia particular de cada ciência ou arte. Portanto, a investigação metódica em todos os campos do saber, se for realizada de forma verdadeiramente científica e em conformidade com as normas morais, *nunca será realmente contrária à fé*, porque as realidades profanas e as da fé têm a sua origem num só Deus.

"Além disso, aquele que com perseverança e humildade se esforça por penetrar os segredos da realidade *é conduzido*, mesmo sem saber, *pela mão de Deus*, que, sustentando todas as coisas, lhes dá o seu ser. A este respeito, são deploráveis certas atitudes que, por não compreender bem o sentido da legítima autonomia da ciência, se deram algumas vezes entre os próprios cristãos; atitudes que, seguidas de controvérsias amargas, levaram muitos a estabelecer uma *oposição entre ciência e fé*.

"Mas se a autonomia do temporal significa *que a realidade criada é independente de Deus* e que os homens podem usá-la sem referência ao Criador, não há crente que não consiga ver a *falsidade* envolvida em tais palavras. A criatura sem o Criador desaparece. Além disso, todos aqueles que acreditam em Deus, qualquer que seja a sua religião, sempre ouviram a *manifestação* da voz de Deus na linguagem da criação. Além disso, ao esquecer Deus, a própria criatura é obscurecida." (*Gaudium et Spes*, 36).

3. Até aqui o texto conciliar. Este constitui *um desenvolvimento do ensinamento que a fé oferece sobre a criação* e estabelece um confronto iluminador entre esta verdade da fé e *a mentalidade dos homens do nosso tempo*, fortemente condicionada pelo desenvolvimento das ciências naturais e pelo progresso da técnica.

Procuremos reunir numa síntese orgânica os principais pensamentos contidos no parágrafo 36 da Constituição (*Gaudium et Spes*).

A) À luz da doutrina do Concílio Vaticano II, *a verdade sobre a criação* não é apenas uma verdade de fé, baseada na Revelação do Antigo e do Novo Testamento. É também uma verdade que *une todos os crentes* “qualquer que seja a sua religião”, isto é, todos aqueles que “sempre ouviram a manifestação da voz de Deus na linguagem da criação”.

B) *Esta verdade*, plenamente manifestada na Revelação, é, no entanto, acessível em si mesma à razão humana. Isto deduz-se de todo o argumento do texto conciliar e particularmente das frases: “A criatura sem o Criador desaparece..., ao esquecer Deus a própria criatura fica obscurecida.” Estas expressões (pelo menos indirectamente) indicam que o mundo das criaturas *tem necessidade da Razão Última* e da Causa Primeira. Em virtude da sua própria natureza, os seres contingentes necessitam, para existirem, de um

suporte no Absoluto (no Ser necessário), que é a Existência em si mesma ("*Esse subsistens*"). O mundo contingente e fugaz "desaparece sem o Criador".

C) Sobre a verdade: assim entendida, sobre a criação, o Concílio estabelece uma distinção fundamental *entre a autonomia “legítima” e “ilegítima” das realidades terrenas*. Ilegítima (isto é, não conforme com a verdade da Revelação) é a autonomia que proclama a *independência das realidades criadas* por Deus Criador e sustenta "que a realidade criada é independente de Deus e que os homens podem usá-la sem referência ao Criador". Tal forma de compreender e de se comportar *nega e rejeita a verdade sobre a criação*; E na maior parte das vezes — se não mesmo em princípio — esta posição é mantida precisamente *em nome da “autonomia”* do mundo, e do homem no mundo, do conhecimento e da acção humana.

Mas é preciso acrescentar imediatamente que, no contexto de uma "autonomia" assim entendida, *é o homem* que, na realidade, *é privado da sua própria autonomia em relação ao mundo*, e acaba por se encontrar de facto submetido a ele. Este é um tema ao qual voltaremos.

D) A “autonomia das realidades terrenas” assim entendida é – de acordo com o texto citado da Constituição *Gaudium et Spes* – não só *ilegítima*, como também *inútil*. De facto, *as coisas criadas gozam de uma autonomia própria* “por vontade do Criador”, que está enraizada na sua própria natureza, pertencendo ao fim da criação (na sua dimensão imanente). "Pois pela própria natureza da criação todas as coisas *são dotadas da sua própria consistência, verdade, bondade* e de uma ordem própria".

A afirmação, se se refere a todas as criaturas do mundo visível, refere-se eminentemente *ao homem*. De facto, na medida em que o homem tenta “descobrir, utilizar e ordenar” de maneira coerente as leis e os valores do cosmos, ele *não só participa de maneira criativa* da legítima autonomia das coisas criadas, mas realiza correctamente *a autonomia que lhe é própria*. E assim se encontra com a finalidade imanente da criação e, indirectamente, também com o Criador: "Ele é conduzido, por assim dizer, pela mão de Deus, que, mantendo todas as coisas, lhes dá o ser" (*Gaudium et Spes*, 36).

4. Acrescente-se que com o problema da “autonomia legítima das realidades terrenas” *se vincula também o problema, muito sentido hoje em dia, da “ecologia”*, isto é, da preocupação pela protecção e preservação do ambiente natural.

O desequilíbrio ecológico, que implica sempre uma forma de egoísmo anticomunitário, surge de um uso arbitrário - e, em última análise, prejudicial - de criaturas, cujas leis e ordem natural são violadas, ignorando ou desconsiderando o propósito inerente à obra da criação. Este modo de comportamento deriva também de uma falsa interpretação da autonomia das coisas terrenas. Quando o homem usa estas coisas "sem as referir ao Criador" - para usar as palavras da Constituição Conciliar - causa a si próprio danos incalculáveis. A solução para o problema da ameaça ecológica está intimamente relacionada com os princípios da “autonomia legítima das realidades terrenas”, isto é, *em última análise, com a verdade sobre a criação e sobre o Criador do mundo*.

Quarta-feira 9 de abril de 1986

Traduzido de Vatican.va [es]

O homem, criado à imagem de Deus

1. O Símbolo da Fé fala de Deus “Criador do céu e da terra, *de todas as coisas visíveis e invisíveis*”; não fala directamente da criação do homem. O homem, *no contexto soteriológico do Símbolo, surge* com referência à Encarnação, o que é particularmente evidente no Credo Niceno-Constantinopolitano, quando se professa a fé em Jesus Cristo, Filho de Deus, que “*por nós, homens, e para nossa salvação, desceu do céu... e se fez homem*”.

Contudo, devemos recordar que a ordem da salvação não pressupõe apenas a criação, mas, mais do que isso, tem a sua origem nela.

O Símbolo da Fé remete-nos, na sua concisão, para toda a verdade revelada sobre a criação, a fim de descobrirmos a posição verdadeiramente única e excelsa que foi dada ao homem.

2. Como já recordámos em catequeses anteriores, o livro do *Génese* contém dois relatos da criação do homem. Do ponto de vista cronológico, é anterior a descrição contida *no segundo capítulo do Génese* enquanto a do primeiro capítulo é posterior.

Em conjunto, as duas descrições *integram-se mutuamente*, contendo ambas elementos teologicamente muito ricos e preciosos.

3. No livro do *Génese* 1, 26, lê-se que no sexto dia Deus disse: “*Façamos o homem à nossa imagem e à nossa semelhança*, para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos, sobre todos os animais selvagens da terra e sobre todos os animais que se movem sobre ela.”

É significativo que a criação do homem seja precedida por este tipo de declaração com a qual Deus expressa *a intenção de criar o homem à sua*

imagem, ou melhor, à “*nossa imagem*” no plural (em sintonia com o verbo “*façamos*”). Segundo alguns intérpretes, o plural indicaria o divino “Nós” do único Criador. Este seria, portanto, de certa forma, um primeiro sinal trinitário longínquo. Em todo o caso, a criação do homem, segundo a descrição de *Génesis* 1, é precedida de um particular “*dirigir-se*” a Si mesmo, “*ad intra*”, de Deus que cria.

4. Segue-se então o acto criador. “*Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; e criou-os homem e mulher*” (*Gn* 1,27). Nesta frase, chama a atenção o triplo uso do verbo “*criou*” (*bará*), o que parece testemunhar uma especial importância e “intensidade” do acto criador. Esta mesma indicação parece deduzir-se do facto de que, enquanto cada um dos dias da criação se conclui com a anotação: «Deus viu que era bom» (cf. *Gn* 1, 3.10.12.18.21.25), *depois da criação do homem*, no sexto dia, diz-se que «Deus viu que tudo o que tinha feito era *muito bom*» (*Gn* 1, 31).

5. A *descrição mais antiga*, a “javista” de *Génesis* 2, *não utiliza a expressão “imagem de Deus”*. Este pertence exclusivamente ao texto posterior, que é mais “teológico”.

Apesar disso, a descrição javista apresenta, ainda que indirectamente, a mesma verdade. De facto, diz-se que o *homem*, criado por Deus-Javé, embora tenha o poder de “*dar nomes*” aos animais (cf. *Gn* 2,19-20), *não encontra* entre todas as criaturas do mundo visível “uma ajuda semelhante a si”, isto é, nota a sua unicidade. Embora não fale directamente da “*imagem*” de Deus, o relato de *Génesis* 2 apresenta alguns dos seus elementos *essenciais*: a capacidade de se conhecer a si mesmo, a experiência do próprio ser no mundo, a necessidade de preencher a própria solidão e a dependência de Deus.

6. De entre estes elementos, há também a indicação de que o homem e a mulher são iguais em natureza e dignidade. De facto, embora nenhuma criatura pudesse ser para o homem “uma ajuda como ele”, ele *encontra tal “ajuda” na mulher criada por Deus-Javé*. De acordo com *Génesis* 2:21-22, Deus chama a mulher à existência, retirando-a do corpo do homem: de “uma das costelas” do homem. Isto indica a sua identidade na humanidade, a sua semelhança essencial, mesmo dentro da distinção. Como ambos

partilham a mesma natureza, ambos têm a mesma dignidade enquanto pessoa.

7. A verdade sobre o homem ter sido criado à “imagem de Deus” repete-se também *em outras passagens da Sagrada Escritura*, tanto no próprio *Gênesis* (“o homem foi feito à imagem de Deus”: Gn 9,6), como noutros livros sapienciais. No Livro da Sabedoria diz-se: “Deus criou o homem para a imortalidade, e fê-lo à imagem da sua própria natureza” (2, 23). E no Livro de Ben Sirá lê-se: “O Senhor formou o homem da terra e a ela o fará regressar... Revestiu-o de uma força que lhe era própria e fê-lo à sua imagem” (17, 1. 3).

O homem, portanto, *é criado para a imortalidade e não deixa de ser imagem de Deus depois do pecado*, mesmo quando sujeito à morte. Traz em si o reflexo do poder de Deus, que se manifesta sobretudo na faculdade da inteligência e do livre-arbítrio. O homem é um sujeito autónomo, fonte das suas próprias acções, embora mantendo as características da sua dependência de Deus, seu Criador (*contingência ontológica*).

8. Após a criação do homem, varão e mulher, o Criador “abençoou-os e disse-lhes: *'Procriai e multiplicai-vos, e enchei a terra; sujeitai-a, e dominai sobre os peixes... e sobre as aves... e sobre todos os seres vivos'*” (Gn 1:28). A criação à imagem de Deus constitui o fundamento do domínio sobre as outras criaturas do mundo visível, que foram chamadas à existência *tendo em vista o homem e «para ele»*.

O domínio mencionado em *Gênesis 1:28* é *partilhado por todos os homens*, aos quais o primeiro homem e a primeira mulher deram origem. Isto é também aludido no texto javista (Gn 2,24), ao qual ainda teremos oportunidade de regressar. *Ao transmitirem a vida* aos seus filhos, o homem e a mulher deixam-lhes *como herança aquela “imagem de Deus”* que foi conferida ao primeiro homem no momento da criação.

9. Desta forma o homem torna-se uma expressão particular da glória do Criador do mundo criado. “*Gloria Dei vivens homo, vita autem hominis visio Dei*”, escreveu Santo Ireneu (*Adv. Haer.*, IV, 20, 7). O homem é a glória do Criador na medida em que foi criado à Sua imagem e

especialmente na medida em que tem acesso ao verdadeiro conhecimento do Deus vivo.

Esta é a base do *valor especial da vida humana*, bem como de todos os *direitos humanos* (que são tão destacados hoje em dia).

10. Através da criação à imagem de Deus, o homem é chamado a tornar-se, entre as criaturas do mundo visível, *porta-voz da glória de Deus* e, em certo sentido, palavra da sua glória.

O ensinamento sobre o homem contido nas primeiras páginas da Bíblia (*Gn 1*) vai ao encontro da revelação do Novo Testamento sobre *a verdade de Cristo*, que, como Verbo Eterno, é “a imagem do Deus invisível” e, ao mesmo tempo, “o primogénito de toda a criatura” (*Cl 1,15*).

O *homem* criado à imagem de Deus adquire, no desígnio de Deus, uma relação especial com o *Verbo, Imagem Eterna do Pai*, que na plenitude dos tempos *se fará carne*. Adão - escreve São Paulo - “é tipo do que havia de vir” (*Rm 1,14*). De facto, “aos que antes conheceu (Deus Criador)... os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogénito entre muitos irmãos” (*Rm 8:29*).

11. Assim, pois, a verdade sobre o homem criado à imagem de Deus não só determina o lugar do homem em toda a ordem da criação, mas também fala *da sua vinculação à ordem da salvação em Cristo*, que é a eterna e consubstancial “imagem de Deus” (*2 Cor 4, 4*), imagem do Pai. A criação do homem à imagem de Deus, já desde o início do Livro do *Génesis*, testemunha a sua chamada. Esta *chamada* revela-se plenamente com a vinda de Cristo. Precisamente então, graças à acção do “Espírito do Senhor”, abre-se a perspectiva de uma plena transformação na imagem consubstancial de Deus, que é Cristo (cf. *2 Cor 3, 18*). Assim a “imagem” do livro do *Génesis* (1,27) *atinge a plenitude do seu significado revelado*.

Quarta-feira 16 de abril de 1986

Traduzido de Vatican.va [es]

O homem, imagem de Deus, é um ser espiritual e corporal

1. O homem, criado à imagem de Deus, é um ser simultaneamente corpóreo e espiritual, isto é, um ser que, de um ponto de vista, está ligado ao mundo exterior e, por outro, o transcende. Como espírito, para além de um corpo é pessoa. Esta verdade sobre o homem é o objecto da nossa fé, assim como a verdade bíblica sobre sermos constituídos à “imagem e semelhança” de Deus; e é uma verdade que o Magistério da Igreja tem apresentado constantemente ao longo dos séculos.

A verdade sobre o homem não deixa de ser *objecto de análise intelectual* ao longo da história, não só no campo da filosofia, mas também no das muitas ciências humanas: numa palavra, objecto da antropologia.

2. Que o homem é um espírito encarnado, se assim o quisermos, um corpo informado por um espírito imortal, deduz-se já, de algum modo, da descrição da criação contida no Livro do *Génese* e, em particular, da narrativa “javista”, que utiliza, *por assim dizer*, uma “cenografia” e imagens antropomórficas. Lemos que “o Senhor Deus formou o homem *da terra* e soprou-lhe no rosto *o sopro da vida*, e o homem tornou-se um ser vivo” (Gn 2,7). A continuação do texto bíblico permite-nos compreender claramente que o homem, criado desta forma, *se distingue* de todo o mundo visível e, em particular, *do mundo dos animais*. O “sopro de vida” tornou o homem capaz de conhecer estes seres, de lhes dar um nome e de se reconhecer distinto deles (cf. Gn 2, 18-20). Embora a descrição “javista” *não mencione a “alma”*, é fácil deduzir daí que a vida dada ao homem no momento da criação é de tal natureza que transcende a simples dimensão corporal (a própria dos animais). Ela abrange, para além da materialidade, *a dimensão do espírito*, na qual está o fundamento essencial daquela “imagem de Deus” que *Génese* 1, 27 vê no homem.

3. O homem *é uma unidade*: *é alguém* que é uno consigo mesmo. Mas nesta *unidade está contida uma dualidade*. A Sagrada Escritura apresenta tanto a unidade (a pessoa) como a dualidade (a alma e o corpo). Considere-se o Livro de Sirá, que diz, por exemplo: "O Senhor formou o homem da terra e de novo o fará volver a ela", e mais adiante: "Deu-lhe o poder de escolha, uma língua, olhos, ouvidos e coração para compreender. Encheu-o de ciência e inteligência e deu-lhe a conhecer o bem e o mal" (17: 1-2, 5-6).

Particularmente significativo deste ponto de vista é o Salmo 8, que exalta a obra-prima humana, dirigindo-se a Deus com as seguintes palavras: "Que é o homem para que te lembres dele, o ser humano para que lhe dês poder? *Tu o fizeste pouco inferior aos anjos*, de glória e de dignidade o coroaste, deste-lhe poder sobre as obras das tuas mãos, submeteste tudo a seus pés. (vv. 5-7).

4. É frequentemente sublinhado que a *tradição bíblica* enfatiza *sobretudo a unidade pessoal do homem*, utilizando o termo «corpo» para designar todo o homem (cf., por exemplo, *Sl* 144/145, 21; *Jl* 3; *Is* 66, 23; *Jo* 1, 14). A observação é exacta. Mas isto não tira que na tradição bíblica a *dualidade* do homem também esteja presente, por vezes de forma muito clara. Esta tradição reflecte-se nas palavras de Cristo: "*Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma*; temei, antes, aquele que pode fazer perecer na geena tanto a alma como o corpo" (*Mt* 10,28).

5. As fontes bíblicas autorizam ver o homem como uma unidade pessoal e, ao mesmo tempo, como uma dualidade de alma e corpo: conceito que encontrou expressão *em toda a Tradição e no ensinamento da Igreja*. Este ensinamento adoptou não só as fontes bíblicas, mas também *as interpretações teológicas que delas foram dadas, desenvolvendo as análises* realizadas por certas escolas (Aristóteles) da *filosofia grega*. Tratou-se de um lento trabalho de reflexão, que culminou principalmente - sob a influência de São Tomás de Aquino - nas afirmações do Concílio de Viena (1312), onde a alma é chamada a "*forma*" do corpo: "*forma corporis humani per se et essentialiter*". A "forma", enquanto factor que determina a substância do ser "homem", é de natureza espiritual. E essa "*forma*" espiritual, a alma, é imortal. É o que recordou mais tarde o Concílio de Latrão (1513): a alma é imortal, ao contrário do corpo, que está sujeito à

morte (cf. DS 1440). A escola tomista sublinha ao mesmo tempo que, em virtude da união substancial do corpo e da alma, esta última, mesmo *depois da morte*, não cessa de “*aspirar*” a unir-se ao corpo. O que encontra confirmação na verdade revelada sobre a ressurreição do corpo.

6. Embora a terminologia filosófica utilizada para exprimir a unidade e a complexidade (dualidade) do homem seja, por vezes, objecto de crítica, não há dúvida de que a doutrina sobre a unidade da pessoa humana e, ao mesmo tempo, sobre a dualidade espiritual-corporal do homem está plenamente *enraizada na Sagrada Escritura e na Tradição*. Embora muitas vezes se exprima a convicção de que o homem é “imagem de Deus” graças à alma, não está ausente da doutrina tradicional a convicção de que o corpo também participa, a seu modo, da dignidade da “imagem de Deus”, assim como participa da dignidade da pessoa.

7. *Nos tempos modernos, a teoria da evolução* levantou uma dificuldade particular contra a doutrina revelada da criação do homem como ser composto de alma e corpo. Muitos cientistas naturais que, utilizando os seus próprios métodos, estudam o problema do início da vida humana na Terra, sustentam - ao contrário dos seus colegas - a existência não só de um elo de ligação entre o homem e a própria natureza, mas até a sua derivação das espécies animais superiores. Este problema, que preocupa os cientistas desde o século passado, afecta vários setores da opinião pública.

A resposta do Magistério foi registada na Encíclica *Humani generis*, de Pio XII, em 1950. Nela se lê: “O Magistério da Igreja não proíbe que a doutrina do ‘evolucionismo’ seja tratada nas investigações e disputas dos especialistas em ambos os campos, na medida em que procura *a origem do corpo humano* na matéria viva e preexistente, uma vez que a fé católica nos ordena sustentar que as almas são criadas imediatamente por Deus...” (DS 3896).

Assim sendo, pode dizer-se que, *do ponto de vista da doutrina da fé*, não há dificuldade em explicar a origem do homem, no que diz respeito ao corpo, através da hipótese do evolucionismo. Contudo, é preciso acrescentar que a hipótese propõe apenas uma probabilidade, não uma certeza científica. *A doutrina da fé*, por outro lado, afirma invariavelmente *que a alma espiritual do homem foi criada directamente por Deus*. Ou seja,

de acordo com a hipótese a que aludimos, é possível que o corpo humano, seguindo a ordem impressa pelo Criador nas energias da vida, tenha sido gradualmente preparado nas formas de seres vivos anteriores. Mas a alma humana, da qual depende em última instância a humanidade do homem, sendo espiritual, não pode ser material.

8. Uma bela síntese da criação acima descrita encontra-se no *Concílio Vaticano II*: “Na unidade do corpo e da alma”, diz-se aí, “o homem, *pela sua própria condição corporal, é síntese do universo material*, que atinge o seu ápice através do homem” (*Gaudium et Spes* 14). E mais adiante acrescenta: “O homem não está errado ao afirmar a *sua superioridade sobre o universo material* e ao não se considerar mais uma partícula da natureza... Pela sua *interioridade, ele é, de facto, superior a todo o universo*” (*Ib.*). Eis, pois, como a mesma verdade sobre a unidade e a dualidade (a complexidade) da natureza humana pode ser expressa numa linguagem mais próxima da mentalidade contemporânea.

Quarta-feira 23 de abril de 1986

Traduzido de Vatican.va [es]

O homem, imagem de Deus, é sujeito de conhecimento e de liberdade

1. “*Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou*” (Gn 1:27).

O homem e a mulher, criados com igual dignidade como pessoas, como uma unidade de espírito e corpo, são diversificados *pela sua estrutura psicofisiológica*. Efectivamente, os seres humanos têm a marca da masculinidade e da feminilidade.

2. Ao mesmo tempo em que é uma marca de diversidade, é também um indicador de *complementaridade*. É o que se pode deduzir da leitura do texto “javista”, onde o homem, ao ver a mulher recém-criada, exclama: “Esta, sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne” (Gn 2,23). São palavras de satisfação e também de transporte entusiasmado do homem, ao ver um ser essencialmente semelhante a ele. A diversidade e, ao mesmo tempo, a complementaridade psicofísica estão na origem da *particular riqueza* da humanidade, que é característica dos descendentes de Adão ao longo da sua história. Daqui nasce o *matrimónio*, instituída pelo Criador desde “o princípio”: “Por isso, deixará o homem pai e mãe e se unirá à sua mulher, e se tornarão ambos uma só carne” (Gn 2,24).

3. Este texto de *Génese* 2:24 corresponde à *bênção da fertilidade*, que é relatada em *Génese* 1:28: “Procriai e multiplicai-vos, e enchei a terra; submetei-a...” A *instituição do matrimónio e da família*, contida no mistério da criação do homem, parece estar ligada ao mandato de “submeter” a terra, confiado pelo Criador ao primeiro casal humano.

O homem, chamado a “submeter a terra” - tenha o cuidado de “submetê-la”, não de devastá-la, porque a criação é um dom de Deus e como tal merece respeito - o homem é imagem de Deus *não apenas como homem e mulher*, mas também *em razão da relação recíproca dos dois sexos*. Essa relação recíproca constitui a alma da “comunhão de pessoas” que se

estabelece no matrimónio e apresenta certa semelhança com a união das Três Pessoas Divinas.

4. O *Concílio Vaticano II* diz a esse respeito: "Deus não criou o homem sozinho. Desde o princípio, ele os fez homem e mulher (*Gn* 1,27). Esta sociedade do homem e da mulher é a primeira expressão da *comunhão das pessoas*. O homem é por sua própria natureza *um ser social*, e não pode viver ou desenvolver as suas qualidades sem relacionar-se com os demais" (*Gaudium et Spes* 12).

Dessa forma, a criação envolve para o homem tanto *a relação com o mundo, como a relação com o outro ser humano* (a relação homem-mulher), bem como com os *demais semelhantes*. "Submeter a Terra" destaca a natureza "relacional" da existência humana. As dimensões: "*com os outros*", "*entre os outros*" e "*para os outros*", próprias da pessoa humana como "imagem de Deus", estabelecem desde o início *o lugar do homem entre as criaturas*. Para este propósito, o homem é chamado à existência como sujeito (como um "eu" concreto), *dotado de consciência intelectual e liberdade*.

5. A capacidade de conhecimento intelectual distingue radicalmente o homem de todo o mundo animal, onde a capacidade cognitiva é limitada aos sentidos. O *conhecimento intelectual* torna o homem capaz de discernir, de distinguir *entre a verdade e a não verdade*, abrindo diante dele os campos da ciência, do pensamento crítico, da investigação metódica da verdade sobre a realidade. O homem tem dentro de si uma *relação essencial com a verdade*, que determina o seu carácter como ser transcendental. O conhecimento da verdade permeia toda a esfera do relacionamento do homem com o mundo e com os outros homens, e estabelece as premissas indispensáveis para toda a forma de cultura.

6. Juntamente com o conhecimento intelectual e a sua relação com a verdade, existe a *liberdade da vontade humana*, que *está vinculada*, por intrínseca *relação, ao bem*. Os actos humanos trazem em si o sinal da autodeterminação (do querer) e da escolha. Daqui surge toda a esfera da moral: efectivamente, o homem é *capaz de escolher entre o bem e o mal*, apoiado nisso pela *voz da consciência*, que o impele para o bem e o afasta do mal.

Assim como o conhecimento da verdade, assim também a capacidade de escolha — isto é, o livre-arbítrio — impregna toda a esfera do relacionamento do homem com o mundo e especialmente com os outros homens, e leva ainda mais longe.

7. Efectivamente, o homem, graças à sua natureza espiritual e à sua capacidade de conhecimento intelectual e à liberdade de escolha e de acção, *encontra-se, desde o início, numa relação particular com Deus*. A descrição da criação (cf. Gn 1-3) permite-nos ver que a “imagem de Deus” se manifesta sobretudo na relação do “eu” humano com o “Tu” divino. O *homem conhece Deus*, e o seu coração e sua vontade são capazes de se unir a Deus (*homo est capax Dei*). O homem pode dizer "sim" a Deus, mas também pode dizer-lhe "não". A capacidade de *acolher Deus* e a sua santa vontade, mas também a capacidade de *se lhe opor*.

8. Tudo isso está incluído no significado da "imagem de Deus" que nos é apresentada, entre outras, no Livro de Sirá: "O Senhor formou o homem da terra e o trará de volta a ela. *Ele o vestiu com força adequada a si mesmo* (homens) e o fez à sua própria imagem; infundiu o medo dele em toda a carne e sujeitou ao seu império os animais e os pássaros. Ele lhe deu uma língua, olhos e ouvidos e um *coração inteligente*; encheu-o de *ciência e inteligência*, e deu-lhe a conhecer o bem e o mal. Ele lhe deu olhos - note-se a expressão! - para ver a grandeza das suas obras... E acrescentou ciência, dando-lhe em posse uma lei de vida. *Estabeleceu com eles um pacto eterno e ensinou-lhes os seus julgamentos*" (Sir 17:1, 3-7, 9-10). São palavras ricas e profundas que nos fazem reflectir.

9. O Concílio Vaticano II expressa a mesma verdade sobre o homem numa linguagem que é ao mesmo tempo perene e contemporânea. "A orientação do homem para o bem é alcançada somente através do uso da liberdade. A dignidade humana exige que o homem actue de acordo com a sua consciência e livre escolha..." (Gaudium et Spes 17). "*Pela sua interioridade, ele é superior ao universo inteiro*; ele retorna a essa profunda interioridade quando *entra no seu coração, onde Deus o espera*, o pesquisador dos corações e onde decide pessoalmente o seu próprio destino" (Gaudium et Spes 14). "A verdadeira liberdade é o sinal eminente da imagem divina no homem" (Gaudium et Spes 17). A verdadeira

liberdade é a liberdade na verdade, gravada, desde o princípio, na realidade da "imagem divina".

10. Em virtude desta «imagem», o *homem*, como sujeito de conhecimento e de liberdade, *não só* está chamado a *transformar* o mundo segundo a medida das suas justas necessidades, *não só* está chamado à *comunhão* de pessoas própria do matrimónio (*communio personarum*), da qual se originam a família e, conseqüentemente, toda a sociedade, *mas está também chamado à Aliança com Deus*. Efectivamente, ele não é apenas uma criatura de seu Criador, mas também a imagem do seu Deus. A descrição da criação já em *Génesis* 1-3 está ligada à *primeira Aliança de Deus com o homem*. Esta Aliança (a mesma da criação) *é uma iniciativa totalmente soberana de Deus Criador*, e permanecerá imutável ao longo da história da salvação, até à Aliança *definitiva e eterna* que Deus realizará com a humanidade em *Jesus Cristo*.

11. O homem é *sujeito idóneo* para a Aliança, porque foi criado “à imagem” de Deus, capaz de conhecimento e liberdade. O pensamento cristão vislumbrou na “*semelhança*” do *homem com Deus* o fundamento do chamamento do homem a participar da vida interior de Deus: a *sua abertura ao sobrenatural*.

Assim, a verdade revelada sobre o homem, que na criação foi feito “à imagem e semelhança de Deus”, contém não apenas tudo o que é “*humanum*” nele, e portanto essencial à sua humanidade, mas também potencialmente tudo o que é “*divinum*”, e portanto gratuito, isto é, contém também o que Deus — Pai, Filho e Espírito Santo — realmente previu para o homem como *dimensão sobrenatural* da sua existência, sem a qual o homem não pode atingir *toda a plenitude para a qual o Criador o destinou*.

Quarta-feira 30 de abril de 1986

Traduzido de Vatican.va [es]

A Divina Providência

1. “*Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso*, criador do céu e da terra”: o primeiro artigo do Credo não terminou de nos dar as suas extraordinárias riquezas e, de facto, a fé em Deus como criador do mundo (das “coisas visíveis e invisíveis”) está organicamente ligada à *revelação da Divina Providência*.

Hoje, dentro da reflexão sobre a criação, iniciamos uma série de catequeses cujo tema central está justamente no coração da fé cristã e no coração do homem chamado à fé: o tema da *Providência Divina*, ou seja, de Deus que, como Pai onnipotente e sábio, está presente e actua no mundo, na história de cada uma das suas criaturas, para que cada criatura, e especificamente o homem, sua imagem, possa realizar a sua vida como um caminho guiado pela verdade e pelo amor rumo à meta da vida eterna n'Ele.

"Para que fim Deus nos criou?", pergunta a tradição cristã da catequese. E iluminados pela grande fé da Igreja, devemos repetir, jovens e velhos, estas palavras ou outras semelhantes: "Deus criou-nos para conhecê-Lo e amá-Lo nesta vida, e para gozar d'Ele eternamente na outra".

Mas precisamente esta enorme verdade de Deus, que com rosto sereno e mão segura guia a nossa história, encontra paradoxalmente no coração do homem um duplo sentimento contrastante: por um lado, ele é levado a acolher e a confiar-se a este Deus Providente, como afirma o Salmista: «Acalmo e modero os meus desejos, como uma criança nos braços de sua mãe» (Sl 130, 2). Por outro lado, o homem teme e hesita em abandonar-se a Deus, como Senhor e Salvador da sua vida, seja porque, cego pelas coisas, esquece o Criador, seja porque, marcado pelo sofrimento, duvida d'Ele como Pai. Em ambos os casos a Providência de Deus é questionada pelo homem. Tal é a condição do homem que, na mesma Escritura divina, Job não hesita em queixar-se diante de Deus com franca confiança; deste modo,

a Palavra de Deus indica que a Providência se manifesta no próprio lamento de seus filhos. Jó, cheio de chagas no corpo e no coração, diz: "Oh! Quem me dera saber onde encontrá-lo e onde chegar à sua morada! Eu lhe exporia a minha causa, e a minha boca estaria cheia de recriminações" (*Jb* 23, 3-4).

2. E, de facto, ao longo da sua história, não faltaram ao homem, seja no pensamento dos filósofos, seja nas doutrinas das grandes religiões, seja na simples reflexão do homem comum, motivos para tentar compreender, e até mesmo justificar, a acção de Deus no mundo.

As soluções são diversas e, obviamente, nem todas são aceitáveis, e nenhuma é plenamente exaustiva. Há aqueles que desde os tempos antigos confiaram no destino ou na sorte cega e caprichosa, na fortuna cega. Há aqueles que, para afirmar Deus, comprometeram o livre-arbítrio do homem; ou aqueles que, especialmente em nossos tempos contemporâneos, para afirmar o homem e a sua liberdade, pensam que devem negar Deus. Soluções extremistas e unilaterais que nos façam entender ao menos quais são os laços fundamentais da vida que entram em jogo quando dizemos "Providência Divina": como a acção onipotente de Deus se encaixa na nossa liberdade, e a nossa liberdade nos seus planos infalíveis? Qual será o nosso destino futuro? Como podemos interpretar e reconhecer a sua infinita sabedoria e bondade diante dos males do mundo: diante do mal moral do pecado e do sofrimento dos inocentes? Qual é o sentido da nossa história, com o seu desenrolar de eventos, catástrofes terríveis e actos sublimes de grandeza e santidade ao longo dos séculos? O eterno e fatal retorno de tudo ao ponto de partida, sem nunca ter um ponto de chegada, excepto um cataclismo final que sepultará toda a vida para sempre, ou - e aqui o coração sente que tem razões maiores do que a sua pequena lógica pode oferecer - existe um ser Providente e Positivo, a quem chamamos Deus, que nos envolve com a sua inteligência, ternura, sabedoria e guia "*fortiter ac suaviter*" a nossa existência - a realidade, o mundo, a história, as nossas próprias vontades rebeldes, se elas o permitirem - para o descanso do "séptimo dia", de uma criação que finalmente chega à sua realização?

3. Aqui, nesta subtil linha divisória entre esperança e desespero, é colocada, para reforçar imensamente as razões da esperança, a Palavra de Deus. tão nova, embora invocada por todos, tão esplêndida que é quase

humanamente inacreditável. A Palavra de Deus nunca adquire tanta grandeza e fascínio como quando se depara com as maiores questões do homem: Deus está aqui, é Emanuel, Deus-connosco (*Is 7,14*), e em Jesus de Nazaré, morto e ressuscitado. Filho de Deus e nosso irmão, Deus mostra que “armou a sua tenda entre nós” (*Jo 1,14*). Podemos dizer que todas as vicissitudes da Igreja no tempo consistem na busca constante e apaixonada de encontrar, aprofundar e propor os sinais da presença de Deus, guiados nisso pelo exemplo de Jesus e pela força do Espírito. Portanto, a Igreja pode, a Igreja quer, a Igreja deve dizer e dar ao mundo a graça e o sentido da Providência de Deus, por amor ao homem, para libertá-lo do peso esmagador do enigma e confiá-lo a um grande mistério de amor, incomensurável, decisivo, como é Deus. Assim, o vocabulário cristão se enriquece com expressões simples que constituem, hoje como ontem, o patrimônio de fé e da cultura dos discípulos de Cristo: Deus vê, Deus sabe, se Deus quiser, vive na presença de Deus, seja feita a sua vontade, Deus escreve direito pelas nossas linhas tortas..., em síntese: a Providência de Deus.

4. A Igreja anuncia a Providência Divina não por invenção própria, ainda que inspirada por pensamentos da humanidade, mas porque Deus se manifestou assim, quando revelou, na história do seu povo, que a sua acção criadora e a sua intervenção salvífica estavam indissolivelmente unidas, fazendo parte de um único desígnio projectado nos séculos eternos. Assim, a Sagrada Escritura, no seu conjunto, converte-se no documento supremo da Divina Providência, manifestando a intervenção de Deus na natureza com a criação e, mais ainda, com a intervenção mais maravilhosa, a redenção, que nos torna novas criaturas num mundo renovado pelo amor de Deus em Cristo. Efectivamente, a Bíblia fala da Providência Divina nos capítulos sobre a criação e naqueles que se referem mais especificamente à obra da salvação, no Génesis e nos Profetas, especialmente Isaías, nos Salmos chamados da criação e nas profundas meditações de Paulo sobre os desígnios inescrutáveis de Deus que actua na história (cf. especialmente *Efésios* e *Colossenses*), nos Livros Sapienciais, tão atentos a encontrar o sinal de Deus no mundo, e no Apocalipse, que é inteiramente destinado a encontrar o sentido do mundo em Deus. Enfim, parece que o conceito cristão de Providência não é simplesmente um capítulo da filosofia religiosa, mas que a fé responde às grandes questões de Job e de cada

homem como ele, com a visão completa de que, secundando os direitos da razão, faz justiça à própria razão, dando-lhe segurança por meio das certezas mais estáveis da teologia.

Neste sentido, o nosso caminho encontrará a reflexão incansável da Tradição, à qual nos referiremos oportunamente, recolhendo no âmbito da verdade perene o esforço da Igreja para se tornar companheira do homem que se interroga continuamente e em termos novos sobre a Providência. O Concílio Vaticano I e o Vaticano II, cada um a seu modo, são vozes preciosas do Espírito Santo que não podemos deixar de ouvir e meditar, sem nos deixarmos atemorizar pelo pensamento, mas acolhendo a seiva vital da verdade que não morre.

5. Toda a pergunta séria deve receber uma resposta séria, profunda e sólida. Abordaremos, portanto, os vários aspectos do mesmo tema, vendo antes de tudo como a Providência Divina entra na grande obra *da criação e é a sua afirmação*, que evidencia a riqueza múltipla e actual da acção de Deus. Segue-se que a Providência se manifesta como *Sabedoria transcendente* que ama o homem e o chama a participar no desígnio de Deus, como primeiro destinatário do seu cuidado amoroso e, ao mesmo tempo, como seu cooperador inteligente.

A relação entre a Providência Divina e a *liberdade do homem* não é de antítese, mas de comunhão de amor. Até o problema profundo do nosso *destino futuro* encontra na Revelação Divina, especificamente em Cristo, uma luz providencial que, mesmo mantendo intacto o mistério, nos garante a vontade salvífica do Pai. Nessa perspectiva, a Providência Divina, longe de ser negada pela *presença do mal e do sofrimento*, converte-se no baluarte da nossa esperança, deixando-nos entrever como ela até sabe tirar o bem do mal. Por fim, recordaremos a grande luz que o Vaticano II lança sobre a Providência de Deus em relação *à evolução e ao progresso do mundo*, reunindo no final, a visão transcendente do reino que cresce, o ponto final do incessante e sábio actuar no mundo de Deus providente. "Quem é sábio para entender estas coisas, prudente para conhecê-las? Pois os caminhos de Yavé são inteiramente rectos, os justos andam neles, mas os ímpios tropeçam neles" (Os 14, 10).

Quarta-feira 7 de maio de 1986

Traduzido de Vatican.va [es]

A Divina Providência: afirmação bíblica ligada à obra da criação

1. Hoje continuamos a catequese sobre a Divina Providência.

Deus, ao criar, chamou do nada à existência tudo o que começou a estar fora d'Ele. Mas o acto criativo de Deus não termina aqui. Aquilo que veio do nada retornaria ao nada se fosse deixado por si mesmo e não fosse, em vez disso, preservado pelo Criador na existência. De facto, Deus, tendo criado o cosmos uma vez, continua a criá-lo, *mantendo-o na existência*. A conservação é uma criação contínua (*Conservatio est continua creatio*).

2. Podemos dizer que a Providência Divina, entendida no sentido mais genérico, se manifesta sobretudo nesta “conservação”: isto é, manter em existência tudo o que recebeu o ser do nada. Neste sentido, a *Providência* é como uma *confirmação* constante e incessante da *obra da criação* em toda a sua riqueza e variedade. Providência significa a presença constante e ininterrupta de *Deus como criador*, em toda a criação: uma presença que cria continuamente e alcança continuamente as raízes mais profundas de tudo o que existe, para agir ali como a causa primeira do ser e do agir. Nesta presença de Deus exprime-se continuamente a *mesma vontade eterna de criar* e de conservar o que foi criado: uma vontade suprema e plenamente soberana, através da qual Deus, segundo a própria natureza do bem que lhe é absolutamente próprio (*bonum diffusivum sui*), *continua a pronunciar-se*, como no primeiro acto da criação, *a favor do ser contra o nada, a favor da vida* contra a morte, *a favor da «luz»* contra as trevas (cf. *Jo* 1, 4-5), numa palavra: a favor da verdade, do bem e da beleza de tudo o que existe. No mistério da Providência, o juízo contido no Livro do Génesis prolonga-se de forma ininterrupta e irreversível: “Deus viu que era bom... e que era muito bom” (*Gn* 1,24.31): isto é, constitui a fundamental e inabalável *afirmação da obra da criação*.

3. Esta afirmação essencial não é diminuída por nenhum mal que surja dos limites inerentes a cada coisa no cosmos, ou que ocorra, como aconteceu na história do homem, em doloroso contraste com o original "Deus viu que era bom..., que era muito bom" (Gn 1,25.31). Dizer Providência Divina significa reconhecer que no plano eterno de Deus, no seu desígnio criador, *esse mal que originalmente não tem lugar*, uma vez cometido pelo homem, é permitido por Deus, em última análise, *está subordinado ao bem*: "tudo concorre para o bem", como diz o Apóstolo (cf. Rm 8, 28). Mas esse é um problema ao qual teremos que voltar novamente.

4. A *verdade da Providência Divina* está presente em toda a Revelação. Além disso, pode-se dizer que impregna *toda a Revelação*, bem como a verdade da criação. Constitui com ela o primeiro e principal ponto de referência em tudo o que Deus "muitas vezes e de diversas maneiras" quis dizer aos homens "por meio dos Profetas e, por fim... por meio do seu Filho" (Hb 1, 1). Portanto, *esta verdade* deve ser *relida* tanto nos textos da Revelação, onde é falada *directamente*, como onde a Sagrada Escritura a testemunha de *modo indirecto*.

5. Foi encontrada desde o início, como verdade fundamental da fé, *no Magistério ordinário da Igreja*, embora só o Concílio Vaticano I se tenha pronunciado sobre ela no contexto da solene Constituição dogmática *De fide catholica*, relativa à verdade sobre a criação. Eis as palavras do Vaticano I: "Deus conserva tudo o que criou e dirige com a sua providência, 'estendendo-se de uma extremidade à outra com poder e governando todas as coisas com bondade' (cf. Sb 8,1). 'Todas as coisas estão nuas aos seus olhos' (cf. Hb 4,13), mesmo o que acontece por livre iniciativa das criaturas" (DB 3003).

6. O texto conciliar, bastante conciso, como se pode constatar, foi *ditado* pelas *necessidades particulares da época* (séc. XIX). O Concílio quis sobretudo *confirmar* o ensinamento constante da Igreja sobre a Providência e, por conseguinte, a imutável Tradição doutrinal ligada a toda a mensagem bíblica, como o demonstram as passagens do Antigo e do Novo Testamento contidas no texto. Ao confirmar esta doutrina constante da fé cristã, o Concílio tentou *combater os erros do materialismo e do deísmo da época*. O materialismo, como se sabe, nega a existência de Deus, enquanto o

deísmo, embora admita a existência de Deus e a criação do mundo, sustenta que Deus não se preocupa de modo algum com o mundo que criou. Pode dizer-se, então, que o Deísmo, com a sua doutrina, ataca directamente a verdade sobre a Providência Divina.

7. A separação da obra da criação da Providência Divina, típica do deísmo, e ainda mais a negação total de Deus característica do materialismo, abrem caminho ao determinismo materialista, ao qual o homem e a sua história estão completamente subordinados. O materialismo teórico é transformado em materialismo histórico. Neste contexto, a verdade sobre a existência de Deus, e em particular sobre a Providência Divina, constitui a *garantia* fundamental e definitiva *do homem e da sua liberdade no cosmos*. Isto já é claro nas Sagradas Escrituras do Antigo Testamento, quando vêem Deus como um apoio forte e indestrutível: “Eu te amo, Senhor, tu és a minha fortaleza, Senhor, o meu rochedo, a minha fortaleza, o meu libertador (*Sal* 17/18, 2-3). Deus é o fundamento inabalável sobre o qual o homem se apoia com todo o seu ser: «o meu destino está nas tuas mãos» (*Sl* 15/16, 5).

Pode dizer-se que a Providência Divina, enquanto afirmação soberana de Deus de toda a criação e, em particular, da preeminência do homem entre as criaturas, constitui a garantia fundamental da *soberania do homem mesmo em relação ao mundo*. Isto não significa a abolição da determinação inerente às leis da natureza, mas a exclusão daquele determinismo materialista, que reduz toda a existência humana ao “reino da necessidade”, aniquilando praticamente o “reino da liberdade” que, por outro lado, o Criador destinou ao homem. Deus com a sua Providência não deixa de ser o suporte máximo do “reino da liberdade”.

8. A *fé na Providência Divina*, como vemos, está intimamente ligada à *concepção básica da existência humana*, isto é, ao sentido da vida humana. O homem pode encarar a sua existência de uma forma essencialmente diferente quando tem a certeza de que não está sob o domínio de um destino cego (*fatum*), mas que depende de Alguém que é o seu Criador e Pai. Por esta razão, a fé na Divina Providência, tal como está inscrita nas primeiras palavras do Símbolo Apostólico: “Creio em Deus Pai Todo-Poderoso”, *liberta* a existência humana das várias formas *de pensamento fatalista*.

9. Seguindo os passos da tradição constante do ensinamento da Igreja e em particular do Concílio Vaticano I, *também o Concílio Vaticano II* fala frequentemente da Divina Providência. Dos textos das suas Constituições deduz-se que Deus é aquele que “cuida de todos com solícitude paterna” (*Gaudium et spes* 24), e em particular “do género humano” (*Dei Verbum* 3). Manifestação deste pedido é também a “lei divina, eterna, objetiva e universal, pela qual Deus ordena, dirige e governa o universo e os caminhos da comunidade humana segundo o plano da sua sabedoria e amor” (*Dignitatis humanae* 3). "O homem... não existe senão pelo amor de Deus que o criou e pelo amor de Deus que o preserva. Só se pode dizer que vive na plenitude da verdade quando reconhece livremente esse amor e *se confia inteiramente ao seu Criador*" (*Gaudium et spes*, 19).

Quarta-feira 14 de maio de 1986

Traduzido de Vatican.va [es]

A Divina Providência: Sabedoria transcendente que ama

1. À pergunta repetida e, por vezes, duvidosa sobre se Deus está presente no mundo de hoje e de que modo, a fé cristã responde com luminosa e sólida certeza: "Deus cuida e governa com a sua Providência tudo o que criou". Com estas palavras concisas, o I Concílio do Vaticano formulou a doutrina revelada sobre a Divina Providência. Segundo o Apocalipse, de que encontramos uma expressão rica no Antigo Testamento, existem dois elementos presentes no conceito de Providência Divina: o *elemento do cuidado* ("cuida") e, ao mesmo tempo, o *da autoridade* ("governa"). Eles penetram um no outro. Deus como Criador tem *autoridade suprema* sobre toda a criação (o "*dominium altum*"), como se diz, por analogia com o poder soberano dos príncipes terrenos. De facto, tudo o que foi criado, pelo próprio facto de ter sido criado, pertence a Deus, seu Criador, e, conseqüentemente, depende d'Ele. É primeiro "de Deus" e depois "de si mesmo". Isto acontece de uma forma radical e total que ultrapassa infinitamente todas as analogias da relação entre autoridade e súbditos na Terra.

2. *A autoridade do Criador* ("governa") *manifesta-se como solicitude do Pai* ("cuida"). Nesta outra analogia está contido, em certo sentido, o próprio cerne da verdade sobre a Divina Providência. A Sagrada Escritura utiliza uma comparação para exprimir a mesma verdade: «O Senhor», diz ela, «é o meu pastor; nada me faltará» (Sl 22/23, 1). Óptima imagem! Se os antigos símbolos da fé e da tradição cristã dos primeiros séculos exprimiam a verdade sobre a Providência com o termo "*Omnitenens*", correspondente ao grego "*Panto-krator*", este conceito não tem a densidade e a beleza do "Pastor" bíblico, pois a verdade revelada comunica-nos com um significado tão vívido. A Divina Providência é, de facto, uma "*autoridade cheia de solicitude*" que executa um plano eterno de sabedoria e amor, governando o mundo criado e, em particular, "os caminhos da sociedade humana" (cf.

Concílio Vaticano II, *Dignitatis Humanae*, 3). É uma "autoridade cuidadosa", cheia de poder e, ao mesmo tempo, de bondade. Segundo o texto do Livro da Sabedoria, citado pelo Concílio Vaticano I, “ela estende-se *poderosamente (fortiter) de uma extremidade à outra e governa tudo com suavidade (suaviter)*” (Sab 8,1), isto é, ela abraça, sustenta, guarda e, em certo sentido, nutre, segundo outra expressão bíblica sobre a criação.

3. O livro de Job diz:

"Deus é sublime no seu poder. / Que mestre se pode comparar a ele? / Ele atrai as gotas de água, / e dissolve a chuva em vapor, / que as nuvens destilam, / derramando-a sobre o homem em torrentes... / Pois por meio delas alimenta o povo / e lhe dá abundância de alimentos" (Job 36, 22. 27-28. 31)

“Ele carrega as nuvens com relâmpagos, / e a nuvem espalha o seu esplendor... / para fazer o que Ele ordena / sobre a superfície da terra” (Job 37, 11-12)

Da mesma forma o livro de Sirá:

“O poder de Deus dirige o relâmpago / e faz voar as suas setas de justiça” (Sir 43, 14)

O Salmista, por sua vez, exalta o «poder maravilhoso», a «imensa bondade», o «esplendor da glória» de Deus, que «estende o seu amor a todas as suas criaturas», e proclama: «Os olhos de todos esperam por ti; dás-lhes o alimento no tempo devido; abres a tua mão e sacias o desejo de todos os seres vivos» (Sl 144/145, 5-7. 15 e 16).

E também:

"Tu fazes crescer a erva para o gado, / e o pasto para os que servem o homem; / Ele faz sair do campo o pão, / e o vinho para alegrar o coração, / e azeite que faz brilhar o seu rosto, / e o alimento para fortalecê-lo" (Sl 103/104, 14-15)

4. Em muitas passagens, a Sagrada Escritura louva a Divina Providência como a autoridade suprema do mundo, a qual, cheia de solicitude por todas as criaturas, e especialmente pelo homem, faz uso da força eficiente das causas criadas. É precisamente aqui que se manifesta a sabedoria criadora, podendo dizer-se que é supremamente clarividente, por analogia com um dom essencial da prudência humana. De facto, Deus, que transcende infinitamente tudo o que é criado, torna ao mesmo tempo presente no mundo esta maravilhosa ordem, que pode ser observada tanto no macrocosmos como no microcosmos. Precisamente a Providência, como Sabedoria transcendente do Criador, é o que faz com que o mundo não seja "caos", mas "cosmos".

“Tudo preparaste segundo a medida, o número e o peso” (Sab 11,20).

5. Embora a forma de se exprimir da Bíblia refira diretamente a Deus, o governo das coisas, a diferença entre a acção de Deus, o Criador, como *Causa Primeira*, e a actividade das criaturas como *causas segundas* é suficientemente clara. Aqui deparamo-nos com uma questão que muito preocupa o homem moderno: a que se refere à *autonomia da criação* e, por conseguinte, ao papel de criador do mundo que o homem quer desempenhar. Ora, de acordo com a fé católica é próprio da sabedoria transcendente do Criador tornar Deus presente no mundo como *Providência* e, ao mesmo tempo, que o mundo criado possua aquela "autonomia" de que fala o Concílio Vaticano II. De facto, por um lado, Deus, ao manter todas as coisas existentes, faz delas aquilo que são: "pela própria natureza da criação, todas as coisas são dotadas de consistência, verdade e bondade, que são próprias de uma ordem regulada" (*Gaudium et spes*, 36). Além disso, precisamente pela forma como Deus governa o mundo, este encontra-se numa situação de verdadeira autonomia que “responde à vontade do Criador” (*Gaudium et spes*, 36).

A *Providência Divina* manifesta-se precisamente nesta “autonomia das coisas criadas”, na qual se revelam tanto a força como a “doçura” próprias de Deus. Ela confirma que a Providência do Criador, como sabedoria transcendente e sempre misteriosa para nós, tudo abrange ("estende-se de uma ponta à outra"), se realiza em tudo com o seu poder criador e a sua firmeza ordenadora (*fortiter*), deixando intacta a função das criaturas como

causas segundas e imanentes na dinâmica da formação e do desenvolvimento do mundo, como se pode ver indicado naquele "*suaviter*" do Livro da Sabedoria.

6. No que diz respeito à formação imanente do mundo, o *homem* possui, portanto, desde o princípio e constitutivamente, enquanto criado à imagem e semelhança de Deus, um lugar completamente especial. Segundo o Livro do Génesis, *foi criado para "dominar"*, para "submeter a terra" (cf. *Gn* 1,28). Participando como sujeito racional e livre, mas sempre como criatura, do domínio do Criador sobre o mundo, o homem torna-se de certo modo "providência" para si mesmo, segundo a bela expressão de S. Tomás (cf. *S. Th.*, I, 22, 2 ad 4). Mas, pela mesma razão, uma responsabilidade particular pesa sobre ele desde o princípio, tanto diante de Deus como diante das criaturas, e em particular diante dos outros homens.

7. Estas noções sobre a Providência Divina que nos são oferecidas pela tradição bíblica do Antigo Testamento são confirmadas e enriquecidas pelo Novo. Entre todas as palavras de Jesus que o Novo Testamento regista sobre este assunto, são particularmente impressionantes as que narram os evangelistas Mateus e Lucas: "Não vos preocupeis, pois dizendo: ¿Que comeremos, que beberemos o que vestiremos? Os gentios procuram tudo isso com excessivo cuidado; mas bem sabe o vosso Pai celestial que de tudo isso tendes necessidade. Procurai, pois, primeiramente o reino de Deus e a sua justiça, e tudo isso vos será dado por acréscimo" (*Mt* 6, 31-33; cf. também *Lc* 21, 18).

"Não se vendem dois passarinhos por um asse? Contudo, nenhum deles cairá por terra sem a vontade do vosso Pai. Quanto a vós, até os cabelos da vossa cabeça estão contados. Não temais, porque valeis mais do que muitos passarinhos" (*Mt* 10,29-31; cf. também *Lc* 21,18).

"Vede como as aves do céu não semeiam, nem colhem, nem armazenam em celeiros; contudo, o vosso *Pai celestial* as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas?... E por que andais preocupados com o que vestir? Aprendei com os lírios do campo, como eles crescem; eles não trabalham nem fiam. Pois eu vos digo que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como um deles. Mas, se Deus assim veste a erva do campo,

que hoje existe e amanhã é lançada no fogo, quanto mais a vós, homens de pouca fé?" (Mt 6, 26-30; cf. também Lc 12, 24-28).

8. Com estas palavras o Senhor Jesus não só confirma o ensinamento sobre a Divina Providência contido no Antigo Testamento, mas também trata mais a fundo o tema que diz respeito ao homem, a cada homem individualmente, tratado por Deus com a delicadeza requintada de um pai.

Sem dúvida, eram magníficas as estrofes dos Salmos que exaltavam o Todo-Poderoso como refúgio, baluarte e consolação para o homem : por exemplo, no Salmo 90/91: "Tu que habitas no amparo do Altíssimo, que permaneces à sombra do Onnipotente, diz ao Senhor: Meu refúgio, minha fortaleza, meu Deus, em ti confio... Porque fizeste do Senhor o teu refúgio, fizeste do Altíssimo a tua defesa... Ele está ao meu lado; eu o resgatarei, eu o protegerei, porque ele conhece o meu nome, ele me invocará, e Eu o ouvirei. Com ele estarei na tribulação" (Sal 90/91, 1-2. 9. 14-15).

9. São expressões belíssimas; Mas as palavras de Cristo assumem um significado ainda maior do que isso. De facto, são pronunciadas pelo Filho que, «escrutando» tudo o que foi dito sobre o tema da Providência, dá *testemunho perfeito* do mistério do seu Pai: mistério de Providência e de solicitude paternal, que abraça cada criatura, mesmo a mais insignificante, como a erva do campo ou as aves. Portanto, quanto mais ao homem! É isso que Cristo quer realçar acima de tudo. Se a Divina Providência se mostra tão generosa para com criaturas tão inferiores ao homem, quanto mais cuidará dele. Nesta página evangélica sobre a Providência encontramos a *verdade sobre a hierarquia dos valores* que está presente desde o início do Livro do Génesis, na descrição da criação: o homem tem a primazia sobre as coisas. Tem-no na sua natureza e no seu espírito, tem-no na atenção e no cuidado da Providência, tem-no no coração de Deus.

10. Além disso, Jesus proclama com insistência que o homem, tão privilegiado pelo seu Criador, tem o dever de *cooperar com o dom recebido da Providência*. Não pode, por isso, contentar-se apenas com os valores do sentido, da matéria e da utilidade. Deve procurar sobretudo «o reino de Deus e a sua justiça», porque «todo o restante, isto é, os bens terrenos, lhe serão acrescentados» (cf. Mt 6, 33).

As palavras de Cristo chamam a nossa atenção para *esta dimensão particular da Providência*, no centro da qual está o homem, ser racional e livre.

Quarta-feira 21 de maio de 1986

Traduzido de Vatican.va [es]

A Divina Providência e a liberdade do homem

1. No nosso caminho de aprofundamento da compreensão do mistério de Deus como Providência, temos muitas vezes de enfrentar esta questão: se Deus está presente e activo em tudo, como pode o homem ser livre? E acima de tudo: o que significa a sua liberdade e qual a sua missão? E o fruto amargo do pecado, que provém de uma liberdade mal orientada, como deve ser compreendido à luz da Divina Providência?

Voltemos mais uma vez à solene afirmação do Vaticano I: «Tudo o que Deus criou, Ele conserva e dirige com a sua Providência, 'estendendo-se de uma extremidade à outra com poder e governando todas as coisas com bondade' (cf. *Sb* 8, 1); 'todas as coisas são nuas e manifestas aos olhos daquele a quem havemos de prestar contas' (cf. *Hb* 4, 13), mesmo aquilo que se realizará por livre iniciativa das criaturas» (*DB* 3003).

O mistério da Divina Providência está profundamente inscrito em toda a obra da criação. Como expressão da sabedoria eterna de Deus, o plano da Providência precede a obra da criação: como expressão do seu poder eterno, ele preside, realiza-a e, em certo sentido, pode dizer-se que *a realiza em si mesma*. É uma Providência transcendente, mas, ao mesmo tempo, imanente às coisas, a toda a realidade. Isto é verdade, segundo o texto do Concílio que lemos, sobretudo no que diz respeito às criaturas *dotadas de inteligência e de livre-arbítrio*.

2. Embora abranja "*fortiter et suaviter*" toda a criação, a Providência abraça de modo especial as criaturas feitas à imagem e semelhança de Deus, que, em virtude da liberdade que lhes foi concedida pelo Criador, gozam da "*autonomia dos seres criados*", no sentido compreendido pelo Concílio Vaticano II (cf. *Gaudium et spes*, 36). Dentro do reino destas criaturas devem contar-se os seres criados de natureza puramente espiritual, de que falaremos mais adiante. Constituem o mundo do invisível. No mundo

visível, objecto da especial atenção da Divina Providência, está o homem, «que - como ensina o Concílio Vaticano II - é a única criatura terrena que Deus quis por si mesma» (*Gaudium et spes*, 24) e precisamente por isso «não pode encontrar a sua plenitude senão numa doação sincera de si mesmo aos outros» (cf. *Gaudium et spes*, 24).

3. O facto de o mundo visível ser coroado com a criação do homem abre perspectivas *completamente novas* sobre o mistério da Divina Providência. Isto é realçado pela afirmação dogmática do Concílio Vaticano I quando salienta que, aos olhos da sabedoria e da ciência de Deus, tudo permanece "aberto" ("*aperta*"), em certo sentido "nu" ("*nuda*"), mesmo aquilo que a criatura racional alcança *através da sua liberdade*: aquilo que será o resultado de uma escolha razoável e de uma livre decisão do *homem*. Também em relação a esta esfera, a Providência Divina conserva a sua causalidade superior, criadora e ordenadora. É a superioridade transcendente da *Sabedoria que ama* e, por amor, age com poder e doçura, e, por isso, é a Providência que com solicitude e paternalmente guia, sustenta e conduz ao seu fim a criatura tão ricamente dotada, respeitando a sua liberdade.

4. Neste ponto de encontro do plano eterno da criação de Deus com a liberdade do homem, existe, sem dúvida, um mistério tão inescrutável quanto digno de adoração. O mistério consiste na relação íntima, mais ontológica do que psicológica, entre a acção divina e a autodecisão humana. Sabemos que esta liberdade de decisão pertence ao dinamismo natural da criatura racional. Conhecemos também por experiência o facto da liberdade humana, autêntica, embora ferida e fraca. No que respeita à sua relação com a causalidade divina, é oportuno recordar a ênfase colocada por S. Tomás de Aquino na concepção da Providência como expressão da Sabedoria divina que tudo ordena para o seu fim: "*ratio ordinis rerum in finem*", "a ordenação racional das coisas para o seu fim" (cf. *Summa Th.*, I, 22, 1). Tudo o que Deus cria recebe este propósito - e, por isso, torna-se objecto da Providência Divina (cf. *ib.*, I, 22, 2). No *homem* – criado à imagem de Deus – toda a *criação visível deve aproximar-se de Deus*, encontrando o caminho para a sua plenitude definitiva. Este pensamento, já expresso, entre outros, por Santo Ireneu (*Adv Haereses* 4, 38; 1105-1109), encontra eco no ensinamento do *Concílio Vaticano II sobre o desenvolvimento do mundo*

através da acção do homem (cf. Gaudium et spes 7). O verdadeiro desenvolvimento – isto é, o progresso – que o homem é chamado a alcançar no mundo não deve ter apenas um carácter “técnico”, mas sobretudo “ético”, para levar o Reino de Deus à sua plenitude no mundo criado (cf. Gaudium et spes 35, 43, 57, 62).

5. O homem, criado à imagem e semelhança de Deus, é a única criatura visível que o Criador quis “por si mesma” (Gaudium et spes 24). No mundo, sujeito à sabedoria e ao poder transcendentos de Deus, o *homem*, embora tenha Deus como fim, é, contudo, um ser *que é um fim em si mesmo*: ele possui o seu próprio propósito (autoteleologia), pelo qual tende à auto-realização. Enriquecido por um dom, que é também uma *missão*, o homem é mergulhado no mistério da Divina Providência. Leiamos no livro de Ben Sirá:

"O Senhor formou o homem da terra.../ Deu-lhe domínio sobre ela.../ *Deu-lhe a capacidade de escolher*, uma língua, olhos, ouvidos/ e um coração para entender./ Encheu-o de ciência e inteligência e lhe deu / a conhecer *o bem e o mal*./ Iluminou os seus corações para lhes mostrar / a grandeza das suas obras.../ E acrescentou-lhe o conhecimento, dando-lhe posse / de uma lei de vida..." (Sir 17, 1-2. 5-7. 9)

6. Equipado com tal, poderíamos dizer, *equipamento*,, "existencial", o homem parte na sua viagem à volta do mundo. Começa a escrever a sua própria história. *A Divina Providência acompanha-o em todo o caminho*. Também lemos no livro de Ben Sirá:

"Está sempre a observar os seus caminhos, / e nada está oculto aos seus olhos... / Todas as suas obras estão diante dele / como está o sol, e os seus olhos observam / sempre a sua conduta" (Sir 17, 13.16)

O salmista dá a esta mesma verdade uma expressão comovedora:

"Se eu tomar as asas da aurora / e habitar nas extremidades do mar, / também ali seguraria a tua mão e / ali seguraria a tua mão direita" (Sl 138/139, 9-10) "...Tu conheces a minha alma completamente. / Os meus ossos não te foram escondidos..." (Sl 138/139, 14-15)

7. A Providência de Deus está, pois, presente na história do homem, na história do seu pensamento e da sua liberdade, na história dos corações e das consciências. *No* homem e *com* o homem, *a acção da Providência* atinge uma *dimensão “histórica”*, no sentido em que segue o ritmo e se adapta às leis do desenvolvimento da natureza humana, permanecendo inalterada e imutável na transcendência soberana do seu ser que não conhece mutações. A Providência é uma presença eterna na história do homem: de cada indivíduo e das comunidades. A história das nações e de toda a raça humana desenvolve-se sob o “olho” de Deus e sob a sua acção onipotente. Se toda a criação é “guardada” e governada pela Providência, *a autoridade de Deus*, cheia de solicitude paternal, implica, em relação aos seres racionais e livres, *o pleno respeito pela liberdade*, que é a expressão no mundo criado da imagem e semelhança do mesmo Ser divino, com a mesma Liberdade divina.

8. O respeito pela liberdade criada é tão essencial que *Deus permite na sua Providência até o pecado* do homem (e do anjo). A criatura racional, suprema entre todas, mas sempre limitada e imperfeita, pode usar mal a liberdade, pode usá-la contra Deus, o seu Criador. É um assunto que perturba a mente humana, sobre o qual o livro de Sirá já reflectia com palavras muito profundas:

"Deus criou o homem desde o princípio / e deu-lhe o livre arbítrio. / Se quiseses, podes guardar os seus mandamentos / e é sábio fazer a sua vontade. / Ele pôs diante de ti o fogo e a água; / a tudo o que desejares, podes estender a tua mão. / Diante do homem estão a vida e a morte; / tudo o que cada um desejar, ser-lhe-á dado. / Pois *grande é a sabedoria do Senhor*; / Ele é forte, poderoso e tudo vê. / Os seus olhos estão sobre os que o temem / e conhece todas as obras do homem. Pois não ordenou a ninguém que fosse ímpio, nem deu a ninguém permissão para pecar" (Sir 15, 14-20)

9. O salmista pergunta: "Quem pode compreender o pecado?" (Sl 18/19, 13). E, no entanto, mesmo perante esta rejeição sem precedentes do homem, a Providência de Deus lança luz para que aprendamos a não a cometer.

No mundo em que o homem foi criado como um ser racional e livre, *o pecado não era apenas uma possibilidade*, mas *também foi confirmado como um facto real* "desde o princípio". Pecado é oposição radical a Deus, é

aquilo que Deus decisiva e absolutamente *não quer*. Contudo, Ele permitiu isso ao criar seres livres, criando o homem. Permitiu o pecado, que é uma consequência do mau uso da liberdade criada. Deste facto, conhecido na Revelação e vivido nas suas consequências, podemos deduzir que, aos olhos da sabedoria transcendente de Deus, na perspectiva do propósito de toda a criação, *era mais importante que houvesse liberdade no mundo criado, mesmo correndo o risco do seu mau uso*, do que privar o mundo dela para excluir a possibilidade do pecado.

Deus providente, se por um lado permitiu o pecado, por outro, com amorosa solicitude de Pai, *sempre previu o caminho da reparação, da redenção*, da justificação e da salvação pelo Amor. Verdadeiramente, a liberdade está ordenada ao amor: sem liberdade não pode haver amor. E na luta entre o bem e o mal, entre o pecado e a redenção, o amor terá a última palavra.

Quarta-feira 28 de maio de 1986

Traduzido de Vatican.va [es]

A Divina Providência e o destino do homem; o mistério da predestinação em Cristo

1. A questão sobre o próprio destino está bem viva no coração do homem. É uma pergunta grande, difícil e, ainda assim, decisiva: "O que será de mim amanhã?" Existe o risco de que respostas erradas possam conduzir a formas de fatalismo, desespero ou mesmo a certezas orgulhosas e cegas: «Insensato, esta mesma noite te pedirão a tua vida», adverte Deus (cf. *Lc* 12, 20). Mas é precisamente aqui que se manifesta a graça inesgotável da Divina Providência. É Jesus que traz uma luz essencial. Ele, com efeito, falando da Divina Providência, no Sermão da Montanha, conclui com a seguinte exortação: "Procurai, pois, em primeiro lugar, o Reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas" (*Mt* 6,33; também *Lc* 12,31). Na última catequese reflectimos sobre a profunda relação que existe entre a Providência de Deus e a liberdade do homem. É precisamente ao homem, sobretudo ao homem, criado à imagem de Deus, que se dirigem as palavras sobre o Reino de Deus e sobre a necessidade de o procurar acima de tudo.

Este vínculo entre a Providência e o mistério do Reino de Deus, que deve realizar-se no mundo criado, orienta o nosso pensamento *sobre a verdade do destino do homem: a sua predestinação em Cristo*. A predestinação do homem e do mundo em Cristo, Filho eterno do Pai, confere a toda a doutrina da Divina Providência uma decisiva *característica soteriológica e escatológica*. O próprio Mestre Divino indica isso mesmo na sua conversa com Nicodemos: "De tal modo amou Deus o mundo que deu o seu Filho unigénito, para que todo aquele que acredita nele não pereça, mas tenha vida eterna." (*Jo* 3,16).

2. Estas palavras de Jesus constituem o cerne da doutrina sobre a predestinação, que encontramos no ensinamento dos Apóstolos, sobretudo nas cartas de S. Paulo.

Lemos na Carta aos Efésios:

"O Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo... *escolheu-nos n'Ele antes da fundação do mundo* para sermos santos e irrepreensíveis diante d'Ele em amor. Predestinou-nos para sermos adotados como filhos por Jesus Cristo, segundo o beneplácito da sua vontade, para louvor do esplendor da sua glória, que Ele nos deu gratuitamente no homem que Ele amou" (*Ef 1:3-6*).

Estas afirmações luminosas explicam de forma autêntica e autorizada aquilo a que na linguagem cristã se chama "*predestinação*" (latim: *praedestinatio*). É precisamente importante libertar este termo dos significados errôneos e até impróprios e não essenciais que foram introduzidos no seu uso comum: a predestinação como sinónimo de "destino cego" ("*fatum*") ou a "cólera" caprichosa de qualquer divindade invejosa. Na revelação divina, a palavra "*predestinação*" significa a escolha eterna de Deus, uma escolha paternal, inteligente e positiva, uma escolha de amor.

3. Esta *escolha*, com a *decisão* em que se exprime, isto é, o desígnio da *criação* e da *redenção*, pertence à vida íntima da Santíssima Trindade: é realizada eternamente pelo Pai juntamente com o Filho e no Espírito Santo. É uma escolha que, segundo S. Paulo, *precede a criação do mundo* ("antes da constituição do mundo": *Ef 1,4*); e do homem no mundo. O homem, mesmo antes de ser criado, é "escolhido" por Deus. Esta escolha cumprir-se-á no Filho eterno ("nele": *Ef 1,4*), isto é, no Verbo da Mente eterna. O homem é, pois, escolhido *no Filho para participar na mesma filiação por adopção divina*. Esta é a própria essência do mistério da predestinação, que manifesta o amor eterno do Pai ("que nos predestinou para sermos filhos de adopção, por meio de Jesus Cristo, para Si": *Ef 1, 4-5*). Na predestinação, portanto, está contida a *vocação eterna do homem para participar da própria natureza de Deus*. É uma vocação à santidade, pela graça da adopção de filhos ("para que sejamos santos e imaculados diante d'Ele": *Ef 1,4*).

4. Neste sentido, a predestinação precede "a constituição do mundo", isto é, *a criação*, pois *esta se realiza na perspectiva da predestinação do homem*. Aplicando as analogias temporais da linguagem humana à vida divina, podemos dizer que Deus quer "primeiro" comunicar a sua divindade

ao homem, chamado a ser a sua imagem e semelhança no mundo criado; Escolhe-o “antes”, no seu Filho eterno e da mesma natureza, para participar na sua filiação (pela graça) e só “depois” (“por sua vez”) quer a criação, quer o mundo, ao qual o homem pertence. Desta forma, o mistério da predestinação entra, em certo sentido, “organicamente” *em todo o plano da Divina Providência*. A revelação deste plano revela-nos *a perspectiva do reino de Deus* e leva-nos ao próprio coração deste reino, onde descobrimos o objetivo final da criação.

5. Lemos precisamente na Carta aos Colossenses: "Dando graças a Deus Pai, que vos tornou capazes de participar na herança dos santos na luz. O Pai libertou-nos do poder das trevas e *transportou-nos para o Reino do Filho do seu amor*, em quem temos a redenção, a remissão dos pecados" (Cl 1,12-14). O reino de Deus, no plano eterno do Deus Trino, é o reino do “Filho no seu amor”, precisamente porque através da sua obra se realizou a “redenção” e a “remissão dos pecados”. As palavras do Apóstolo aludem também ao “pecado” do homem. *A predestinação*, isto é, a adopção para sermos filhos no Filho eterno, *realiza-se*, portanto, não somente *em relação à Criação* do mundo e do homem no mundo, mas em relação à Redenção realizada pelo Filho, Jesus Cristo. A redenção torna-se expressão da Providência, isto é, do governo cuidadoso que Deus exerce especialmente em relação às criaturas dotadas de liberdade.

6. Na Carta aos Colossenses encontramos que a verdade da “*predestinação*” em Cristo está intimamente ligada à verdade da “*criação em Cristo*”. «Ele», escreve o Apóstolo, «é a imagem do Deus invisível, o primogénito de toda a criação, porque n’Ele foram criadas todas as coisas...» (Cl 1, 15-16). Assim, o mundo criado em Cristo, Filho eterno, traz em si desde o princípio, *como primeiro dom da Providência*, o chamamento, ou melhor, o penhor da *predestinação em Cristo*, a quem está unido, como cumprimento da salvação escatológica definitiva e, sobretudo do homem, finalidade do mundo. “E foi do agrado do Pai que *nele habitasse toda a plenitude*” (Cl 1:19). A realização do propósito do mundo, e do homem em particular, acontece precisamente *através da plenitude que existe em Cristo*. Cristo é a plenitude. N’Ele, em certo sentido, cumpre-se aquela finalidade do mundo, segundo a qual a Divina Providência guarda e

governa as coisas do mundo e, especialmente, o homem no mundo, a sua vida, a sua história.

7. Compreendemos, assim, outro aspecto fundamental da Providência Divina: *a sua finalidade salvífica*. Deus, com efeito, “quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade” (1 Tm 2,4). Nesta perspectiva, é necessário alargar uma certa concepção naturalista da Providência, limitada ao bom governo da natureza física ou mesmo do comportamento moral natural. Na realidade, a *Providência Divina* manifesta-se na realização dos propósitos que correspondem ao *plano eterno da salvação*. Neste processo, graças à plenitude de Cristo, *n’Ele e por Ele, foi vencido também o pecado*, que se opõe essencialmente à finalidade salvífica do mundo, à realização definitiva que o mundo e o homem encontram em Deus. Falando da plenitude que se estabeleceu em Cristo, o Apóstolo proclama: “E foi do agrado do Pai que nele residisse toda a plenitude, e que por ele *reconciliasse consigo mesmo todas as coisas*, tendo feito a paz, pelo sangue da sua cruz, na terra e no céu” (Cl 1,19-20).

8. No contexto destas reflexões, tiradas das Cartas de São Paulo, torna-se mais compreensível *a exortação de Cristo* a respeito da Providência universal do Pai celeste (cf. Mt 6,23-34 e também Lc 12,22-31), quando ele diz: “*Buscai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas*” (Mt 6,33; cf. também Lc 12,31). Com este “primeiro” Jesus tenta indicar *o que o próprio Deus quer “primeiro”*: qual é a sua primeira intenção na criação do mundo, e também o fim último do próprio mundo: “o reino de Deus e a sua justiça” (a justiça de Deus). *O mundo inteiro foi criado em vista deste reino*, para que se realize no homem e na sua história. Para que através deste “reino” e desta “justiça” se cumpra *a eterna predestinação que o mundo e o homem têm em Cristo*.

9. Esta visão paulina da predestinação corresponde ao que escreve S. Pedro:

"Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua grande misericórdia, *nos regenerou para uma viva esperança*, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, incontaminável e imarcescível, guardada nos céus para vós

outros, que sois guardados pelo poder de Deus para a salvação, mediante a fé, preparada para se revelar no tempo próprio" (*1 Pe* 1:3-5).

Verdadeiramente "louvado seja Deus" que nos revela como a Sua Providência é a Sua incansável e solícita intervenção para a nossa salvação. Ela é incansável na sua acção até chegarmos "ao tempo oportuno", quando "a predestinação em Cristo" dos inícios se realizará definitivamente "pela ressurreição de Jesus Cristo", que é "o Alfa e o Ómega" do nosso destino humano" (*Ap* 1,8).

Quarta-feira 4 de junho de 1986

Traduzido de Vatican.va [es]

A Divina Providência e a presença do mal e do sofrimento no mundo

1. Voltamos ao texto da Primeira Carta de São Pedro, a que nos referimos no final da catequese anterior:

"*Bendito seja Deus / e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua grande misericórdia, / nos regenerou para uma viva esperança, / pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, / para uma herança incorruptível, / incontaminável, imarcescível, / que nos está reservada nos céus*" (1 Pd 1, 3-4).

Um pouco mais adiante, o mesmo Apóstolo faz uma afirmação que é ao mesmo tempo esclarecedora e reconfortante:

"Portanto, *alegrai-vos*, / ainda que agora estejais um pouco contristados / por várias provas, para que a vossa fé seja provada, / mais preciosa do que o ouro que se corrompe, / mesmo apurado pelo fogo..." (1 Pe 1, 6-7).

Da leitura deste texto podemos já concluir que a verdade revelada sobre a "predestinação" do mundo criado e especialmente do homem em Cristo (*praedestinatio in Christo*) constitui o *fundamento principal e indispensável* das reflexões que procuramos propor sobre o tema da relação entre a Providência Divina e a realidade *do mal e do sofrimento* presentes sob tantas formas na vida humana.

2. Isto constitui para muitos a principal *dificuldade em aceitar a verdade da Divina Providência*. Em alguns casos, esta dificuldade assume uma forma radical, quando até *Deus é acusado* do mal e do sofrimento presentes no mundo, chegando ao ponto de rejeitar a própria verdade de Deus e a sua existência (isto é, até ao ateísmo). De uma forma menos radical e ainda assim perturbadora, esta dificuldade expressa-se nas muitas *questões críticas* que o homem coloca a Deus. A dúvida, o questionamento e até o protesto surgem da dificuldade de *conciliar* a verdade da

Providência Divina, a preocupação paterna de Deus pelo mundo criado e a realidade do mal e do sofrimento vividos de diferentes formas pelos homens.

Podemos dizer que a visão da realidade do mal e do sofrimento *está presente em toda a sua plenitude nas páginas da Sagrada Escritura*. Podemos dizer que a Bíblia é, antes de mais, um grande livro *sobre o sofrimento*: entra plenamente no âmbito das coisas que Deus quer dizer à humanidade «muitas vezes... pelo ministério dos profetas... ultimamente... falou-nos por meio do Filho» (Heb 1,1): *entra no contexto da auto-revelação de Deus e no contexto do Evangelho*; isto é, na *Boa Nova da salvação*. Por esta razão, o único método adequado para encontrar uma resposta à questão sobre o mal e o sofrimento no mundo é olhar para o contexto da revelação que nos é oferecida pela palavra de Deus.

3. Primeiro precisamos de chegar a um acordo sobre o mal e o sofrimento. Isto é *em si mesmo multiforme*. Geralmente, o mal no sentido *físico* é diferenciado do mal no sentido *moral*. O mal moral distingue-se do mal físico sobretudo por envolver culpa, por depender do livre arbítrio do homem e por ser sempre um mal de natureza espiritual. Distingue-se do mal físico porque este último não inclui necessária e directamente a vontade do homem, embora isso não signifique que não possa ser causado pelo homem e ser efeito da sua culpa. O mal físico causado pelo homem, ora por ignorância ou falta de cautela, ora *por negligência* de precauções adequadas ou mesmo por *acções inapropriadas* ou prejudiciais, assume muitas formas. Mas é preciso acrescentar que há muitos casos de mal físico no mundo que ocorrem independentemente do homem. Basta lembrar, por exemplo, os desastres ou calamidades naturais, bem como todas as formas de declínio físico ou doença somática ou mental, *de que o homem não é culpado*.

4. *O sofrimento surge no homem a partir da experiência destas múltiplas formas do mal*. Num certo sentido, o sofrimento também pode ocorrer nos animais, pois são seres dotados de sentidos e de relativa sensibilidade, mas no homem o sofrimento atinge a dimensão própria das faculdades espirituais que possui. Pode dizer-se que no homem o sofrimento é interiorizado, torna-se consciente e é vivenciado em toda a dimensão do seu ser e nas suas capacidades de acção e reacção, de

receptividade e rejeição; é uma experiência terrível, perante a qual, sobretudo quando é sem culpa, o *homem* levanta aquelas *questões* difíceis, atormentadas e dramáticas, que constituem ora uma denúncia, ora um desafio, ou um grito de rejeição de Deus e da sua Providência. São questões e problemas que se podem resumir assim: *como conciliar o mal e o sofrimento com a solitudine paterna*, cheia de amor, que Jesus Cristo atribui a Deus no Evangelho? Como conciliá-los com a sabedoria transcendente do Criador? E de uma forma ainda mais dialética: poderemos dizer, perante toda a experiência do mal no mundo, sobretudo perante o sofrimento dos inocentes, que Deus não quer o mal? E se Ele quer isso, como podemos acreditar que “Deus é amor”, e mais ainda que esse amor não pode deixar de ser onnipotente?

5. Perante estas questões, também nós, como Job, sentimos como é difícil dar uma resposta. Não procuramos isso em nós mesmos, mas, com humildade e confiança, na Palavra de Deus. No Antigo Testamento já encontramos a afirmação vibrante e significativa: “... *mas a maldade não triunfa sobre a sabedoria*. Espalha-se poderosamente de um extremo ao outro e governa tudo com doçura” (*Sab 7,30-8,1*). Perante as muitas experiências de mal e sofrimento no mundo, o Antigo Testamento testemunhava já o primado da Sabedoria e da bondade de Deus, da sua Divina Providência. Esta atitude é delineada e desenvolvida no Livro de Job, que é inteiramente dedicado ao tema do mal e da dor, vistos como uma prova por vezes tremenda para o Justo, mas superada pela certeza, laboriosamente alcançada, de que Deus é bom. Neste texto captamos a consciência do limite e da transitoriedade das coisas criadas, pelas quais *algumas formas de “mal” físico* (devido à falta ou limitação do bem) pertencem à *própria estrutura* dos seres criados, os quais, por sua própria natureza, são contingentes e transitórios e, portanto, corruptíveis. Sabemos também que os seres materiais estão numa estreita relação de interdependência, como se expressa no antigo axioma: “A morte de um é a vida do outro” (“*corruptio unius est generatio alterius*”). Assim, até certo ponto, a morte também serve a vida. Esta lei também diz respeito ao homem enquanto ser animal que é simultaneamente espiritual, mortal e imortal. A este propósito, as palavras de S. Paulo revelam, no entanto, horizontes muito amplos: «... *enquanto o nosso homem exterior se corrompe, o nosso homem interior renova-se de dia em dia*» (2 Cor 4, 16).

E também: "*Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um eterno peso de glória, acima de toda a medida*" (2 Cor 4:17).

6. A afirmação da Sagrada Escritura: «o mal não triunfa sobre a sabedoria» (*Sab 7, 30*) reforça a nossa convicção de que, no plano providencial do Criador em relação ao mundo, *o mal está, em última análise, subordinado ao bem*. Além disso, no contexto da verdade integral sobre a Providência Divina, ajuda-nos a compreender melhor as duas afirmações: "Deus não quer o mal como tal" e "Deus permite o mal". Quanto ao primeiro, é oportuno recordar as palavras do Livro da Sabedoria: «... Deus não criou a morte, nem se alegra com a perda dos vivos. Pois Ele criou todas as coisas para a existência" (*Sab 1, 13-14*) Quanto à permissão do mal na *ordem física*, por exemplo, tendo em conta que os seres materiais (incluindo o corpo humano) são corruptíveis e sofrem a morte, deve dizer-se que esta pertence à estrutura destas criaturas. Por outro lado, seria difícil imaginar, no estado actual do mundo material, a subsistência ilimitada de cada ser corpóreo individual. Podemos, portanto, compreender que, se "*Deus não criou a morte*", como afirma o Livro da Sabedoria, ele, no entanto, a permite tendo em vista *o bem global do cosmos material*.

7. Mas se se trata de um *mal moral*, isto é, de pecado e de culpa nas suas diversas formas e consequências, mesmo na ordem física, *este mal é decidida e absolutamente indesejado por Deus*. O mal moral é radicalmente contrário à vontade de Deus. Se este mal está presente na história do homem e do mundo, e por vezes de forma totalmente opressiva, se em certo sentido tem a sua própria história, *isso só é permitido pela Divina Providência*, porque Deus quer que haja liberdade no mundo criado. A existência da liberdade criada (e consequentemente do homem, e mesmo a existência de espíritos puros como os anjos, de que falaremos noutra ocasião) é indispensável para aquela plenitude de bem que Deus quer alcançar na criação; a existência de seres livres *é para ele um valor mais importante e fundamental* do que o facto de esses seres abusarem da sua própria liberdade contra o Criador e de, por isso, a liberdade poder conduzir ao mal moral.

Sem dúvida, a luz que recebemos da razão e da revelação é grande em relação ao mistério da Divina Providência, que, embora não queira o mal, o

tolera em vista de um bem maior. A luz suprema, porém, só pode vir da cruz vitoriosa de Cristo. Dedicaremos a ela a nossa atenção na catequese seguinte.

Quarta-feira 11 de junho de 1986

Traduzido de Vatican.va [es]

A Divina Providência vence o mal em Jesus Redentor

1. Na catequese anterior abordámos a questão do homem de todos os tempos sobre a Providência Divina, perante a realidade do mal e do sofrimento. A Palavra de Deus afirma clara e perentoriamente que "o mal não triunfa sobre a sabedoria (de Deus)" (*Sab* 7,30) e que Deus permite o mal no mundo para fins mais elevados, mas não quer esse mal. Hoje queremos colocar-nos na atitude de escuta de Jesus Cristo, que, no contexto do mistério pascal, oferece a resposta plena e completa a esta pergunta atormentadora.

Reflitamos antes de mais sobre o facto que S. Paulo anuncia: *Cristo crucificado como “poder e sabedoria de Deus”* (1 Cor 1,24), em quem a salvação é oferecida aos fiéis. Certamente o seu poder é admirável, pois manifesta-se na fraqueza e aniquilação da paixão e morte na cruz. E é também uma sabedoria exaltada, desconhecida fora da Revelação divina. No plano eterno de Deus e na sua acção providencial na história do homem, todo o mal, e especialmente o mal moral — o pecado — é submetido ao bem da redenção e da salvação precisamente através da cruz e ressurreição de Cristo. Pode dizer-se que, n’Ele, Deus faz o bem do mal. Num certo sentido, afasta-o do próprio mal que o pecado representa, que foi a causa do sofrimento do Cordeiro imaculado e da sua terrível morte na cruz como vítima inocente pelos pecados do mundo. A liturgia da Igreja não hesita em falar, neste sentido, de “*felix culpa*” (cf. *Exultet* da Liturgia da Vigília Pascal).

2. Assim, à questão de como conciliar o mal e o sofrimento no mundo com a verdade da Divina Providência, não se pode oferecer nenhuma resposta definitiva sem referência a Cristo. De facto, por um lado, Cristo — o Verbo encarnado — confirma com a própria vida — na pobreza, na humilhação e no cansaço — e especialmente com a sua paixão e morte, que *Deus está ao lado do homem no seu sofrimento*; além disso, que Ele próprio

toma sobre Si os múltiplos sofrimentos da existência terrena do homem. Ao mesmo tempo, Jesus revela que *este sofrimento tem um valor e uma força redentora e salvífica*, que nele está preparada aquela “herança incorruptível” da qual fala São Pedro na sua Primeira Carta: “a herança que nos está reservada nos céus” (cf. *1 Pd* 1, 4). A verdade da Providência adquire assim o seu significado escatológico definitivo através do “poder e sabedoria” da cruz de Cristo. A *resposta* definitiva à questão sobre a presença do mal e do sofrimento na existência terrena do homem é oferecida pela Revelação divina na *perspectiva da “predestinação em Cristo”*, isto é, na perspectiva da *vocação do homem à vida eterna*, à participação na vida do próprio Deus. Esta é precisamente a resposta que Cristo ofereceu, confirmando-a com a sua cruz e a sua ressurreição.

3. Deste modo, tudo, mesmo o mal e o sofrimento presentes no mundo criado e especialmente na história humana, *é submetido àquela sabedoria inescrutável*, sobre a qual São Paulo exclama, como que transfigurado: “Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e quão insondáveis os seus caminhos!” (*Rm* 11, 33). Em todo o contexto salvífico, ela é de facto a “*sabedoria contra a qual o mal não pode triunfar*” (cf. *Sb* 7,30). É uma sabedoria cheia de amor, porque «Deus amou tanto o mundo que lhe deu o seu Filho unigénito...» (*Jo* 3, 16).

4. É precisamente com esta sabedoria, rica de amor compassivo pelo homem sofredor, que os escritos apostólicos procuram ajudar os fiéis aflitos a reconhecer a passagem da graça de Deus. Assim, S. Pedro escreve aos cristãos da primeira geração: «Alegrai-vos, ainda que vos entristeçais por causa de várias tentações» (*1 Pd* 1, 6). E acrescenta: “para que a vossa fé, provada e muito mais preciosa do que o ouro corruptível, mesmo apurado pelo fogo, se revele digna de louvor, glória e honra, na revelação de Jesus Cristo” (*1 Pe* 1:7). Estas últimas palavras referem-se ao Antigo Testamento, e em particular ao livro de Sirá, no qual se lê: «Porque o *ouro é provado pelo fogo*, mas os homens agradáveis a Deus são provados pela humilhação» (*Sir* 2, 5). Pedro, retomando o mesmo tema da provação, continua na sua Carta: “Mas alegrai-vos na medida em que sois participantes dos sofrimentos de Cristo, para que também vos alegreis na revelação da sua glória” (*1 Pd* 4, 13).

5. O apóstolo Tiago expressa-se de forma semelhante quando exorta os cristãos a enfrentarem as provações com alegria e paciência: "Meus irmãos, considerai motivo de grande alegria o facto de serdes tentados por muitas coisas, pois a prova da vossa fé produz paciência. Mas a paciência deve operar perfeitamente, para que sejais perfeitos e íntegros" (*Tg* 1:2-4). Por fim, na Carta aos Romanos, São Paulo compara os sofrimentos humanos e cósmicos a uma espécie de "dores de parto" de toda a criação, enfatizando os "gemidos" daqueles que possuem as "primícias" do Espírito e aguardam a plenitude da adopção, isto é, "a redenção do nosso corpo" (cf. *Rm* 8, 22-23). Mas acrescenta: "Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que O amam..." (*Rm* 8,28), e mais adiante: "Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada?" (*Rm* 8:35), concluindo finalmente: "Porque eu estou certo de que nem a morte, nem a vida... *nem qualquer outra criatura nos poderá separar do amor de Deus* (manifestado) em Cristo Jesus, nosso Senhor" (*Rm* 8:38-39).

Juntamente com a paternidade de Deus, que se manifesta pela Divina Providência, aparece também a pedagogia de Deus: "Vós sofreis em ordem à vossa correcção (*paideia*, isto é, educação). Deus vos trata como a filhos. Pois qual é o filho a quem o pai não corrige (educa)...? Deus, olhando para o nosso proveito, nos disciplina, para que sejamos participantes da sua santidade" (*Hb* 12, 7.10).

6. Visto com os olhos da fé, o sofrimento, embora possa parecer o *aspecto mais obscuro do destino* do homem na Terra, permite-nos ver através do *mistério da Divina Providência*, contido na revelação de Cristo e, de modo especial, na sua cruz e ressurreição. É certamente possível que, quando o homem se coloca as velhas questões sobre o mal e o sofrimento num novo mundo criado por Deus, não encontre uma resposta imediata, especialmente se não tiver uma fé viva no mistério pascal de Jesus Cristo. Mas *gradualmente*, com a ajuda da fé alimentada pela oração, *descobre-se o verdadeiro significado do sofrimento* que cada um experimenta na sua própria vida. É uma descoberta que depende da palavra da revelação divina e da «palavra da cruz» (cf. *1 Cor* 1,18) de Cristo, que é «poder e sabedoria de Deus» (*1 Cor* 1,24). Como diz o Concílio Vaticano II: "Por Cristo e em Cristo é iluminado o enigma da dor e da morte que, fora do Evangelho, nos

envolve em trevas absolutas" (*Gaudium et spes* 22). Se descobrirmos este poder e esta "sabedoria" pela fé, encontrar-nos-emos nos caminhos salvíficos da Divina Providência. Confirma-se então o sentido das palavras do salmista: «O Senhor é o meu pastor... Ainda que ande pelo vale da sombra da morte, nada temo, porque Tu estás comigo» (Sl 22/23, 1.4). A Divina Providência revela-se, assim, como a viagem de Deus ao lado do homem.

7. Concluindo: a verdade sobre a Providência, que está intimamente ligada ao mistério da criação, deve ser entendida no contexto de toda a revelação, de todo o "Credo". Vê-se assim que, de modo orgânico, a revelação da "Predestinação" (*praedestinatio*) do homem e do mundo em Cristo, a revelação de toda a economia da salvação e a sua realização na história, entram na verdade da Providência. A verdade da Divina Providência está também intimamente ligada à verdade do Reino de Deus, e por isso as palavras proferidas por Cristo no seu ensinamento sobre a Providência têm uma importância fundamental: «Procurai, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça... e todas estas coisas vos serão dadas por acréscimo» (Mt 6,33; cf. Lc 12,13). A verdade sobre a Providência Divina, isto é, o governo transcendente de Deus sobre o mundo criado, torna-se compreensível à luz da verdade sobre o reino de Deus, aquele reino que Deus sempre planeou realizar no mundo criado graças à "predestinação em Cristo", que foi "gerado antes de toda a criatura" (Cl 1:15).

Quarta-feira 18 de junho de 1986

Traduzido de Vatican.va [es]

A Divina Providência e a condição histórica do homem de hoje à luz do Concílio Vaticano II

1. A verdade sobre a Divina Providência surge como o ponto de convergência de tantas verdades contidas na afirmação: "Creio em Deus Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra". Por causa da sua riqueza e contínua relevância, todo o *magistério do Concílio Vaticano II* teve de lidar com esta verdade, e fê-lo de uma forma excelente. De facto, em muitos documentos conciliares encontramos uma referência adequada a esta verdade de fé, que está presente de modo particular na Constituição *Gaudium et spes*. Destacá-lo significa fazer uma recapitulação actual das catequeses precedentes sobre a Divina Providência.

2. Como é sabido, a Constituição *Gaudium et spes* aborda o tema: *A Igreja e o mundo actual*. No entanto, desde os primeiros parágrafos que se percebe que *não é possível abordar este tema com base no Magistério da Igreja sem recorrer à verdade revelada sobre a relação de Deus com o mundo* e, em última análise, à verdade da *Divina Providência*.

Lemos, então: "O mundo... que o Concílio tem em mente é o... de todos os homens...; o mundo que os cristãos acreditam ter sido fundado e preservado pelo amor do Criador, um mundo escravizado pela servidão do pecado, mas libertado por Cristo crucificado e ressuscitado, tendo sido quebrado o poder do demónio, para que possa ser transformado segundo o propósito divino e atingir a sua consumação" (*Gaudium et spes* 2).

Esta "*descrição*" *afecta toda a doutrina da Providência*, entendida quer como o plano eterno de Deus na criação, quer como a realização deste plano na história, quer como o significado salvífico e escatológico do universo, e especialmente do mundo humano, segundo a "predestinação em Cristo", centro e eixo de todas as coisas. Neste sentido, a declaração dogmática do Concílio Vaticano I é tomada em outros termos: "Tudo o que

Deus criou, ele preserva e dirige por sua Providência, 'estendendo-se poderosamente de uma extremidade a outra e governando todas as coisas com suavidade' (cf. *Sb* 8,1). 'Todas as coisas estão nuas e descobertas diante de seus olhos' (cf. *Hb* 4,13), mesmo aquelas que vêm à existência pela livre iniciativa das criaturas" (Const. *De Fide*, DS 3003). Mais concretamente, desde o início, a *Gaudium et spes* aborda uma questão relacionada com o nosso tema e interessante para o homem de hoje: de que forma o "crescimento" do reino de Deus e o desenvolvimento (evolução) do mundo são compatíveis. Sigamos agora as linhas principais desta exposição, especificando as principais afirmações.

3. No mundo visível, o protagonista do desenvolvimento histórico e cultural é o *homem*. Criado à imagem e semelhança de Deus, por Ele conservado no seu ser e guiado com amor paternal na tarefa de «dominar» as outras criaturas, o homem é, em certo sentido, em si mesmo, «providência». "A actividade humana individual e colectiva, ou a vasta soma total dos esforços humanos ao longo dos séculos para alcançar melhores condições de vida, considerados em si mesmos, respondem à vontade de Deus. O homem, criado à imagem de Deus, recebeu o mandato de governar o mundo em justiça e santidade, submetendo assim a terra e tudo o que ela contém e de dirigir a sua própria pessoa e todo o universo para Deus, reconhecendo Deus como Criador de todas as coisas, para que, ao submeter todas as coisas ao homem, o nome de Deus seja admirável no mundo" (*Gaudium et spes*, 34).

Anteriormente, o mesmo documento conciliar tinha dito: "*O homem não se engana ao afirmar a sua superioridade sobre o universo material e ao não se considerar mais como uma partícula da natureza ou como um elemento anónimo da cidade humana. Pela sua interioridade, ele é, de facto, superior a todo o universo; ele regressa a essas profundidades quando entra no seu coração, onde Deus o espera, o pesquisador dos corações, e onde ele pessoalmente, sob o olhar de Deus, decide o seu próprio destino*" (*Gaudium et spes*, 14).

4. O desenvolvimento do mundo em direcção a ordens económicas e culturais que respondam cada vez mais às exigências integrais do homem é uma tarefa que entra plenamente na *própria vocação do homem de dominar*

a Terra. Por esta razão, os verdadeiros sucessos da civilização científica e técnica actual, bem como os da cultura humanística e da "sabedoria" de todos os séculos, inserem-se no âmbito da "providência", da qual o homem participa através da acção do plano de Deus sobre o mundo. Sob este prisma, o Concílio vê e reconhece o valor e a função da cultura e do trabalho do nosso tempo. De facto, a Constituição *Gaudium et spes* descreve a nova condição cultural e social da humanidade, com as suas características distintivas e as suas possibilidades de progresso tão rápido que inspira admiração e esperança (cf. *Gaudium et spes*, 53-54). O Concílio não hesita em dar testemunho dos admiráveis sucessos do homem, reconduzindo-os ao quadro do plano e do mandato de Deus e, além disso, unindo-os ao Evangelho da fraternidade pregado por Cristo: "*O homem, quando cultiva a terra com as próprias mãos ou com a ajuda de meios técnicos, para que ela dê fruto e se torne uma morada digna para toda a família humana, e quando intervém conscientemente na vida dos grupos sociais, está seguindo o próprio plano de Deus* dado a conhecer à humanidade no início dos tempos: ele submete a terra e aperfeiçoa a criação, ao mesmo tempo que se aperfeiçoa a si mesmo. Além disso, obedece ao grande mandamento de Cristo de se dedicar ao serviço dos irmãos" (*Gaudium et spes*, 57 e 63)

5. O Concílio também não fecha os olhos aos enormes *problemas* que dizem respeito ao desenvolvimento do homem de hoje, tanto na sua dimensão de pessoa como de *comunidade*. Seria uma ilusão acreditar que os poderíamos ignorar, tal como seria um erro abordá-los de forma inadequada ou insuficiente, tentando absurdamente subestimar a necessária referência à Providência e à vontade de Deus. O Concílio afirma: «A humanidade, hoje, maravilhada com as suas próprias descobertas e com o seu poder, coloca-se muitas vezes a si mesma interrogações angustiantes sobre o desenvolvimento actual do mundo, sobre o lugar e a missão do homem no universo, sobre o sentido dos seus esforços individuais e colectivos, sobre o destino último das coisas e da humanidade» (*Gaudium et spes*, 3). E explica: "Tal como acontece nos casos de crescimento súbito, esta transformação traz consigo não pequenas dificuldades. Assim, enquanto o homem aumenta extraordinariamente o seu poder, nem sempre consegue submetê-lo ao seu serviço. Deseja conhecer com crescente profundidade a sua intimidade espiritual, e sente-se muitas vezes mais inseguro do que

nunca sobre si próprio. Descobre gradualmente as leis da vida social e duvida sobre a direcção que lhe deve ser dada" (*Gaudium et spes*, 4). O Concílio fala expressamente de "contradições e desequilíbrios" gerados por uma "evolução rápida e desordenada" nas condições socioeconómicas, nos costumes, na cultura, bem como no pensamento e na consciência humana, na família, nas relações sociais, nas relações entre grupos, comunidades e nações, com consequentes "desconfianças e inimizades, conflitos e anarquias, de que o próprio homem é causa e vítima" (cf. *Gaudium et spes*, 8-10). E finalmente o Concílio chega à raiz quando afirma: «Os desequilíbrios que afligem o homem moderno estão ligados àquele outro desequilíbrio fundamental que tem as suas raízes no coração do homem» (*Gaudium et spes*, 10).

6. Dada esta situação do homem no mundo de hoje, parece totalmente injustificada a mentalidade segundo a qual o “domínio” que ele atribui a si mesmo é absoluto e radical, e pode ser alcançado numa ausência total de referência à Providência Divina. É uma ilusão vã e perigosa construir a própria vida e fazer do mundo o reino da própria felicidade exclusivamente com as próprias forças. Esta é a grande tentação em que caiu o homem moderno, esquecendo que as leis da natureza condicionam também a civilização industrial e pós-industrial (cf. *Gaudium et spes*, 26-27). Mas é fácil ceder ao deslumbramento de uma suposta auto-suficiência na progressiva “dominação” das forças da natureza, a ponto de se esquecer Deus ou de se colocar no seu lugar. Hoje, esta pretensão atinge alguns meios sob a forma de manipulação biológica, genética, psicológica... que se não for regida pelos critérios da lei moral (e consequentemente orientada para o reino de Deus) pode tornar-se o domínio do homem sobre o homem, com consequências tragicamente nefastas. O Concílio, reconhecendo a grandeza do homem moderno, mas também a sua limitação, na legítima autonomia das coisas sagradas (cf. *Gaudium et spes*, 36), recordou-lhe a verdade da Providência Divina, que vem ao encontro do homem para o assistir e ajudar. Nesta relação com Deus Pai, Criador e Provedor, o homem pode redescobrir continuamente o fundamento da sua salvação.

Quarta-feira 25 de junho de 1986

Traduzido de Vatican.va [es]

A Divina Providência e o crescimento do Reino de Deus

1. Tal como na catequese anterior, também hoje nos ocuparemos amplamente das reflexões que o Concílio Vaticano II dedicou ao tema da condição histórica do homem moderno, que por um lado é enviado por Deus para dominar e submeter a criação e, por outro, ele próprio está sujeito, enquanto criatura, à presença amorosa de Deus Pai, Criador e Providente.

O homem, hoje mais do que em qualquer outro tempo, é particularmente sensível à grandeza e à autonomia da sua tarefa de investigador e mestre das forças da natureza.

Contudo, é preciso realçar que existe um sério obstáculo ao desenvolvimento e progresso do mundo. Este é constituído pelo pecado e pela estreiteza de espírito que ele implica, isto é, pelo mal moral. A Constituição conciliar "*Gaudium et spes*" faz um relato pormenorizado desta situação.

O Concílio reflecte, portanto: «Criado por Deus na justiça, o homem, porém, por instigação do demónio, abusou da sua liberdade logo no início da história, levantando-se contra Deus e procurando alcançar o seu próprio fim longe de Deus» (*Gaudium et spes*, 13). Por conseguinte, como consequência inevitável, "o progresso humano, embora altamente benéfico para o homem, contém também uma grande tentação. Pois os indivíduos e as comunidades, tendo subvertido a hierarquia dos valores e misturado o bem com o mal, olham apenas para o que é seu, esquecendo o que é estrangeiro. Assim, o mundo já não é um lugar de verdadeira fraternidade, enquanto o poder acrescido da humanidade ameaça destruir a própria raça humana" (*Gaudium et spes*, 37).

O homem moderno está correctamente consciente do seu próprio papel, mas "se... *autonomia dos meios temporais* quer dizer que a realidade criada

é independente de Deus, e que os homens podem usá-la sem referência ao Criador, então nenhum crente pode deixar de ver a falsidade destas palavras. *A criatura sem o Criador desaparece... De facto, ao esquecer Deus, a própria criatura fica obscurecida*" (Gaudium et spes, 36).

2. Recordemos antes de mais um texto que nos ajuda a compreender a “outra dimensão” da evolução histórica do mundo, a que o Concílio sempre se refere. Diz a Constituição: “O Espírito de Deus, que com admirável providência guia o curso dos tempos e renova a face da terra, não é alheio a esta evolução” (Gaudium et spes, 26). Vencer o mal é, ao mesmo tempo, desejar o progresso moral do homem, através do qual a sua dignidade é salvaguardada, e responder às exigências essenciais de um mundo “mais humano”. Nesta perspectiva, o Reino de Deus que se desenvolve na história encontra de certa forma a sua “matéria” e os sinais da sua presença eficaz.

O Concílio Vaticano II enfatizou muito claramente o significado ético da evolução, mostrando como o ideal ético de um mundo «mais humano» é compatível com o ensinamento do Evangelho. Ao distinguir precisamente o desenvolvimento do mundo da história da salvação, tenta também destacar em toda a sua plenitude os laços que existem entre eles: "Assim, embora devamos distinguir cuidadosamente entre o progresso temporal e o crescimento do reino de Cristo, no entanto, o primeiro, na medida em que pode contribuir para a melhor ordenação da sociedade humana, é de grande interesse para o reino de Deus. Pois os bens da dignidade humana, da união fraterna e da liberdade, numa palavra, todos os excelentes frutos da natureza e do nosso próprio esforço, depois de terem sido espalhados por toda a terra no Espírito do Senhor e de acordo com o seu mandato, nós os encontraremos novamente purificados de toda a mancha, iluminados e transfigurados quando Cristo entregar ao Pai 'o reino eterno e universal, um reino de verdade e de vida, um reino de santidade e de graça, um reino de justiça, de amor e de paz'. *O reino está já misteriosamente presente na nossa terra*; “Quando o Senhor vier, a perfeição será consumada” (Gaudium et spes, 39)

3. O Concílio afirma a convicção dos fiéis quando proclama que "a Igreja reconhece todo o bem que se pode encontrar na dinâmica social atual: acima de tudo, o desenvolvimento rumo à unidade, o processo de

socialização saudável e a solidariedade civil e económica. A promoção da unidade está em sintonia com a missão interna da Igreja, uma vez que ela é 'em Cristo o sacramento ou sinal e instrumento da união íntima com Deus e da unidade de todo o género humano...' Pois as energias que a Igreja pode comunicar à sociedade humana actual estão enraizadas nesta fé e nesta caridade aplicada à vida prática. Elas não estão enraizadas na mera dominação externa exercida por meios puramente humanos" (*Gaudium et spes*, 42). Cria-se, por isso, um vínculo profundo e, finalmente, uma identidade elementar entre os principais sectores da história e da evolução do "mundo" e a história da salvação. O plano de salvação tem as suas raízes nas aspirações e nos objetivos mais reais dos homens e da humanidade. A redenção é também continuamente dirigida ao homem e à humanidade "no mundo". E a Igreja encontra sempre o "mundo" no contexto destas aspirações e objetivos do homem-humanidade. Da mesma forma, a história da salvação desenvolve-se no decurso da história mundial, considerando-a, em certo sentido, como sua. E vice-versa: *as verdadeiras conquistas do homem e da humanidade, autênticas vitórias na história do mundo, são também «o substrato» do reino de Deus na terra»* (cf. Cardeal Karol Wojtyła, *Alle fonti del rinnovamento. Studio sull'attuazione del Concilio Vaticano II*, LEV, Città del Vaticano, 1981, pp. 150-160).

4. A este respeito, lê-se na Constituição *Gaudium et spes*: "A actividade humana, tal como procede do homem, é também ordenada ao homem... Bem entendida, tal auto-aperfeiçoamento é mais importante do que qualquer riqueza externa que possa ser acumulada. *O homem vale mais pelo que é do que pelo que tem.* Da mesma forma, *tudo o que os homens fazem para alcançar maior justiça, maior fraternidade e uma abordagem mais humana dos problemas sociais vale mais do que o progresso técnico...* Esta, então, é a norma da actividade humana: que, de acordo com o plano e a vontade divinos, deve estar em conformidade com o bem autêntico do género humano e permita ao homem, enquanto indivíduo e membro da sociedade, cultivar e realizar a sua plena vocação" (*Gaudium et spes*, n. 35; cf. também 59). O mesmo documento continua: "A ordem social deve ser desenvolvida diariamente, fundada na verdade, construída na justiça e animada pelo amor; mas deve encontrar na liberdade um equilíbrio cada vez mais humano. *Para atingir todos estes objetivos, há que proceder a uma renovação dos espíritos e a reformas profundas da sociedade.* O Espírito de

Deus, que com admirável providência guia o curso dos tempos e renova a face da terra, *não é alheio a esta evolução*" (*Gaudium et spes*, 26).

5. A adaptação à orientação e à acção do Espírito Santo no desenvolvimento da história ocorre através do chamamento contínuo e da resposta consistente e fiel à voz da consciência: "A fidelidade a esta consciência une os cristãos aos outros homens *na busca da verdade e na resolução bem-sucedida dos numerosos problemas morais* que confrontam os indivíduos e a sociedade. Quanto maior for a predominância de uma consciência recta, mais confiantes estão os indivíduos e as sociedades em se afastarem do capricho cego e se submeterem às normas objectivas da moralidade" (*Gaudium et spes*, 16).

O Concílio recorda realisticamente a presença na actual condição humana do obstáculo mais radical ao verdadeiro progresso do homem e da humanidade: o mal moral, o pecado, em consequência do qual "o homem se encontra intimamente dividido. Por esta razão, *toda a vida humana, individual e colectiva, é apresentada como uma luta, e de facto dramática, entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas*. Além disso, *o homem vê-se incapaz de dominar eficazmente por si só os ataques do mal*, a ponto de se sentir como se estivesse agrilhado" (*Gaudium et spes*, 13). A luta do homem é "uma luta que começou no princípio do mundo e continuará, como diz o Senhor, *até ao último dia* (cf. Mt 24,13; 13,24-30.36-43). *Apanhado nesta batalha, o homem deve lutar sem cessar para aderir ao bem, e não pode alcançar a sua unidade interior senão ao preço de grande fadiga, com a ajuda da graça de Deus*" (*Gaudium et spes*, 37).

6. Concluindo, podemos dizer que, se o crescimento do reino de Deus não se identifica com a evolução do mundo, é verdade que *o reino de Deus está no mundo* e, antes de mais, *no homem*, que vive e trabalha no mundo. O cristão sabe que com o seu compromisso com o progresso da história e com a ajuda da graça de Deus coopera no crescimento do reino, até ao cumprimento histórico e escatológico do plano da Divina Providência.

Quarta-feira 9 de julho de 1986

Traduzido de Vatican.va [es]

"Criador de coisas visíveis e invisíveis"

1. As nossas catequeses sobre Deus, Criador do mundo, não poderiam concluir-se sem dedicar a devida atenção a um conteúdo concreto da revelação divina: *a criação de seres puramente espirituais*, a que a Sagrada Escritura chama «anjos». Tal criação aparece claramente nos Símbolos da Fé, especialmente no Credo Niceno-Constantinopolitano: Creio em um só Deus, Pai Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra, de todas as coisas (isto é, entidades ou seres) "*visíveis e invisíveis*". Sabemos que o homem goza de uma posição única dentro da criação: graças ao seu corpo ele pertence ao mundo visível, enquanto, através da alma espiritual, que vivifica o corpo, ele se encontra quase *na fronteira* entre a criação visível e invisível. A estes últimos, segundo o Credo que a Igreja professa à luz da Revelação, pertencem outros seres, puramente espirituais e, *portanto, não próprios do mundo visível*, embora nele estejam presentes e activos. Eles constituem um mundo específico.

2. Hoje, como em tempos passados, discute-se com maior ou menor sabedoria sobre estes seres espirituais. É preciso reconhecer que por vezes há grande confusão, com o consequente risco de fazer passar como fé da Igreja a respeito dos anjos coisas que não pertencem à fé ou, vice-versa, de deixar de lado algum aspecto importante da verdade revelada. A existência de seres espirituais a que a Sagrada Escritura costuma chamar "anjos" *era já negada* no tempo de Cristo pelos saduceus (cf. At 23,8). É também negada pelos *materialistas e racionalistas* de todos os tempos. E, no entanto, como observa com perspicácia um teólogo moderno, "se quiséssemos livrar-nos dos anjos, a própria Sagrada Escritura teria de ser radicalmente revista, e com ela toda a história da salvação" (A. Winklhofer, *Die Welt der Engel*, Ettal 1961, p. 144, nota 2; in *Mysterium salutis*, II, 2, p. 726). Toda a Tradição é unânime nesta questão. O Credo da Igreja é, no fundo, um eco do que Paulo escreve aos Colossenses: "Porque n'Ele (Cristo) foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as

invisíveis, tronos, dominações, principados e potestades; *tudo foi criado por ele e para ele*" (Cl 1,16). Isto é, Cristo, como Filho-Verbo eterno e consubstancial ao Pai, é "o primogénito de toda a criatura" (Cl 1,15), e está no centro do universo como razão e eixo de toda a criação, como já vimos nas catequeses anteriores e como ainda veremos quando falarmos mais directamente d'Ele.

3. A referência ao "primado" de Cristo ajuda-nos a compreender que a verdade sobre a existência e a ação dos anjos (bons e maus) *não constitui o conteúdo central da Palavra de Deus*. Na Revelação, Deus fala antes de mais "aos homens... e passa tempo com eles para os convidar e admitir à comunhão consigo mesmo", como se lê na Constituição *Dei Verbum* do Concílio Vaticano II (*Dei Verbum* 2). Deste modo, «a verdade profunda, tanto de Deus como da salvação dos homens», é o conteúdo central da Revelação que «resplandece» mais plenamente na pessoa de Cristo (cf. *Dei Verbum* 2). A verdade sobre os anjos é, *em certo sentido*, "colateral" e, ainda assim, inseparável da Revelação central que é a existência, a majestade e a glória do Criador que brilha em toda a criação ("visível" e "invisível") e na acção salvadora de Deus na história do homem. Os anjos não são criaturas *de primeiro plano* na realidade da Revelação, e, *no entanto*, *pertencem-lhe completamente*, tanto que por vezes os vemos cumprir missões fundamentais em nome do próprio Deus.

4. Tudo o que pertence à criação entra, segundo a Revelação, no mistério da Divina Providência. Isto é afirmado de forma exemplar e concisa pelo Vaticano I, que já citámos muitas vezes: "*Tudo o que é criado é conservado e dirigido pela providência de Deus*, 'que se estende de uma extremidade à outra com poder e governa todas as coisas na sua bondade' (cf. Sb 8,1). 'Todas as coisas são nuas e manifestas aos seus olhos' (cf. Hb 4,13), 'mesmo aquilo que deve ser feito pela livre iniciativa das criaturas'" (DS 3.003). A Providência abrange, portanto, *também o mundo dos espíritos puros*, que são seres racionais e livres ainda mais plenamente do que os homens. Na *Sagrada Escritura* encontramos *indicações preciosas que lhes dizem respeito*. Há a revelação de um drama misterioso, mas real, que afectou estas criaturas angélicas, sem que nada escapasse à Sabedoria eterna, que com força (*fortiter*) e ao mesmo tempo com bondade (*suaviter*) leva tudo à realização no reino do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

5. Reconheçamos, antes de mais, que a *Providência*, como Sabedoria amorosa de Deus, se manifestou precisamente na criação de seres puramente espirituais, através dos quais se exprime melhor a semelhança de Deus neles, que ultrapassa em muito tudo o que foi criado no mundo visível, juntamente com o homem, também ele imagem indelével de Deus. Deus, que é Espírito absolutamente perfeito, reflecte-se sobretudo nos seres espirituais que, por natureza, isto é, *por causa da sua espiritualidade*, estão muito mais próximos d'Ele do que as criaturas materiais e que constituem quase o "ambiente" mais próximo do Criador. A Sagrada Escritura oferece um testemunho bastante explícito desta máxima proximidade a Deus dos anjos, dos quais fala, em linguagem figurada, como do "trono" de Deus, dos seus "exércitos", do seu "céu". Ela inspirou a poesia e a arte dos séculos cristãos que nos apresentam os anjos como a "corte de Deus".